

# O CREPUSCULO,

JORNAL LITTERARIO SEMANAL.

## Introdução.

Grandioso e vasto é o horizonte em que o CREPUSCULO tem de bruxulear seu pallido clarão. A moral, a religião, as sciencias, a industria e o commercio são as cinco columnas que sustentam a maquina do edificio social: a decadencia de qualquer d'ellas ou indica um atrazo de civilisação, ou ameaça a proxima ruina de todos os vinculos sociaes, que repercutindo um ruído estrepitoso desaba em terra com essa obra, que muitas vezes teria sido alevantada a par da corrente de muitos seculos e de esforços agigantados.

E na verdade, que será um povo sem moral? será um povo corrupto e vicioso que não respeitando nem a pureza, nem a santidade dos costumes, se engolphará no charco immundo das paixões mais desenfreadas. Que será um povo sem religião? será o povo da impiedade, que escarnecendo a divindade e menoscabando o imperio das leis, arrojará o punhal do assassino até ao santuario da justiça! Que será um povo sem sciencias? será um povo ignorante, que não conhecendo os deveres para consigo e para com os outros, não saberá ser bom nem a si, nem aos outros, e encortinado no seio das trevas apparece no mundo e morre sem vêr o mundo! Que será um povo sem industria? será um povo carregado de miseria, que, não tendo religião, nem moral, acabando por se devorar a si

mesmo, desaparecerá da face da terra, não deixando após de si mais do que a triste recordação de uma soledade melancolica!

Em uma palavra, um povo sem moral, religião, sciencias, commercio e industria não é povo, é uma horda de barbaros, que não divisando mais do que o programma da destruição, já-mais poderá tocar o fim para que fôra destinado — a civilisação. Pelo contrario um povo, que percorre o desinvolvimento d'estes cinco elementos, é um povo civilisado, porque a civilisação não é outra coisa mais do que o desinvolvimento das diversas actividades humanas; — e será ditoso, porque a felicidade não é mais do que aquelle desinvolvimento.

Em fim, uma nação, em que estes elementos habitarem o ultimo anel da escala ascendente do seu desinvolvimento, terá conseguido o summo bem social; e a civilisação, no seu mais brilhante fulgôr, occupará o crocheo da mais elevada grandeza.

Porém, de que maneira poderá civilisar-se uma nação para ser feliz? querendo unanimemente, podendo e sabendo: querer, todas querem, porque todas desejam ser felizes; poder, nem todas podem; saber, nem todas sabem. Ora como poderão ellas conseguir estas duas ultimas condições? instruindo-as sobre os meios, poderão

achar n'estes a potencia para conseguirem o desinvolvimento moral, religioso, scientifico, industrial e commercial, isto é, a civilisação.

É na verdade, já Fenelon tinha dito que o primeiro passo que os soberanos tinham a dar para fazerem os seus subditos felizes e para bem os governarem, era tornal-os sabios e justos, porque d'este modo quasi que per si se governam; da veracidade do pensamento temos observado bem exactissimas provas, porque hemos visto uma grande parte de um povo aborrecer o sagrado codigo, em que se acham encerrados os mais preciosos dos seus direitos, e porque? porque aquelle codigo era para elle uma palavra sem significação; não o amava, porque não o conhecia.

É, por tanto, sobre este alvo que se fitam as vistas do nosso pobre e humilde jornal: — instruir o povo sobre todos os ramos da sua actividade para que elle possa ser feliz e civilisado e conheça aquillo que deve amar ou aborrecer.

Conhecemos que a nossa tarefa é bastante espinhosa, porque para o seu desempenho são mister condições de alta transcendencia, e estas são para nós summamente escassas.

Alguem dirá que o CREPUSCULO é um atomo que se alévanta.

Bem: desde já conscienciosamente o declaramos; mas tambem conhecemos que são formados de globulos quasi invisiveis esses castellos de nuvens, que toldando os ares, descarregam sobre a terra copiosas correntes que, alagando os prados, os fructificam e fertilisam. Da mesma maneira, se apparecerem muitos atomos, como o CREPUSCULO, elevando-se com quasi invisiveis gottas de erudição, poderão formar uma corrente que, serpeando pelos campos da civilisação, chegue afinal a fertilisal os.

E se nada chegarmos a conseguir não é porque o coração não quiz, mas porque o intendmento não pôde.

M. J. DE ALMEIDA.

---

#### ASYLOS DE MENDICIDADE.

**A**S nações civilisadas tem feito subir até ao reino dos animaes exemplos frisantes de moralidade. A Prussia e a Inglaterra tem alevantado associações a fim de lhes darem protecção e asylo. E o mendigo não é tambem um animal que ri e chóra, rei da criação, imagem da divindade, na expressão do senhor Herculano? logo porque se não erguem tambem asylos de protecção para uma classe, que não tem mais do que o manto da pobreza em que vive traspasada de amarguras, unico thesoiro que a acompanha até ao recincho da sepultura?

Se aquellas nações nos offerecem exemplos brilhantes de moralidade e civilisação na protecção aos animaes, não serão mais tocantes os que nós lhes damos em proteger aquelles que são nossos semelhantes, excepto na fortuna?

Todas as classes sociaes tem reclamado e conseguido suas garantias; o capitalista quer uma representação especial para que os seus interesses não sejam ou ludibriados, ou hostilizados por outra classe; o proprietario quer uma força armada, tirada dos seus pares para resistir á avareza dos governos; o feudalista quer ser regulo da sua povoação para que todos o adorem como se adora a cruz do Calvario. E o mendigo que quer ou tem querido? o pão da caridade, que anda implorando por todas as portas; e quantas vezes a negra mão da soberba lhe bate

com ellas na cara! quantas vezes seu braço chumbado de ballas, que já não pôde levantar a charriá porque a sorte dos combates lhe escureceu a auro-ra dos annos, manejou as armas da guerra para ficar em casa são e salvo aquelle que o expulsa por lhe pedir em tro-co do sangue derramado as migalhas da sua meza! quantas vezes se passa o dia e chega a noite, e o miseravel não acha senão uma laje fria para adorme-cer as dores da oppressão?!

Dôres são a sua vida, lagrimas o seu sustento! Que garantias terá por tanto a mendicidade? segurança pessoal? essa não a deve á sociedade civil, por-que a encontraria até diante do cutello do assassino; o sudario da sua mi-zeria lh'o faria cair aos pés: liberdade? também não, porque vive no captivo da desgraça.

A classe mendiga poucos ou ne-nhuns gôzos deve á sociedade civil: tem direito a elles, é preciso conceder lh'os.

Os asylos de mendicidade são o unico bem a que esta classe pôde aspi-rar; — são o leito em que pôde passar as agonias da morte, já que não teve um em que passasse as delicias da vida.

A quem devemos pedir esta garan-tia? aos governos, que são os dispen-seiros de todos os bens sociaes? Não: á omnipotencia social, associação mais forte, mais generosa que todos os go-vernos, porque é a associação da ca-ridade.

Quem deverá constituir esta asso-ciação? Nós assentamos que o clero, como representante da augusta e subli-me moral evangelica, deve de ser o pri-meiro a prestar-se ao desempenho de tão nobre e caridosa missão, não só porque as santas paginas mandam (1)

(1) Tobias, 4, 7 — noli avertere faciem tuam

que favoreça o miseravel, sob pena de lhe faltar Deus com a sua caridade (2), mas porque ainda hoje é a classe que goza de algum prestigio, e as suas sup-plicas poderão ser ouvidas a todas as portas.

É, por tanto, o clero que deve ar-vorar associações de caridade, pedindo em nome da pobreza.

Onde estará o clero que fez plantar o estandarte da salvação nos ultimos confins da terra? — o clero que se of-ferecia gostoso ás grelhas do martyrio? — o clero que baixou até á choça do pobre a levar-lhe o balsamo da consola-ção? Os gemidos do faminto rebentam por toda a parte, o brado da impieda-de tropeja em todos os angulos da ter-ra; e o clero permanece mudo e quêdo no meio da tempestade, como a rocha que destacada no centro das ondas se apresenta immovel ao combate das tor-mentas!

É a vós e a todas as almas genero-sas que repetimos o brado do pobre, — tenho fome — a ver se lhe respon-dem palavras de caridade.

E bem pôde ser, até esperamos fir-memente, que a nossa lembrança se-ja acompanhada de um feliz agoiro.

Syeies com o libello famoso — *Que é o terceiro estado?* — fez rebentar a revolução de 1779; Laffayette com duas palavras fez revoltar as guardas nacio-naes; Carlos II. fez avançar as suas tro-pas, que se recusavam a isso enchên-do-as de brio com as palavras — *se não quereis avançar para me ver vencer, avançaes para me ver morrer!*

E as tropas avançaram.

Fallaram e foram ouvidos: porisso

ab illo paupero. S. Lucas, 6, 30 — omni petenti a te tribue, si execuerit inimicus tuus, ciba illum.

(2) S. G., 3, 17 — qui habuerit substantiam hujus mundi, et viderit fratrem suum necessi-tatem habere et clauerit viscera sua, quomodo caritas Dei emanet in eo?

fallemos tambem e póde ser que alguem nos escute.

M. J. DE ALMEIDA.

### UMA RECORDAÇÃO.

*Et son âme innocente a monté vers les cieux.*

CHENIER.

**E**Lysa! — este nome é para mim um magico talisman que absorve todas as minhas faculdades de sentir; — este nome resoa-me n'alma tão doce e tão brando, como o gemer brando e doce do infante no peito da mãe. Elysa! não sei que nome poderá haver no mundo tão bello e tão lindo que rivalise com este! — é tão simples, tão suave, tão cadente, — é tão cheio de graças e de encantos, como era cheia de graças e de encantos aquella que o teve!

E eu amo este nome com todo o amor que tem cabimento em peito de homens, — amo-o apaixonadamente.

É porque me alembra os dias mais felizes da minha vida, esses bellos dias, decorados com illusões doiradas, que eu vi fugir-me tão rapidos, como o metheóro que fende os ares e desaparece, mal assoma ao horisonte; tão ephemera foi para mim a ventura!

Eram dias que despontavam claros e sem nuvens, em que a aurora surgia bella e radiante, dardejando raios de luz; — eram dias de primavera, e eu estava tambem na primavera da vida, na quadra dos amores: contava então o decimo quinto anno.

É n'essa idade tão ambicionada que tudo parece sorrir prazer e vida; — é então que o mundo nos offerece mil delicias, porque não ha soffrimentos, não ha penas que o mancebo desdenhoso não revista de um caracter de belleza.

Tudo é lindo, tudo encanta. O passado, o presente e o mesmo porvir, sonha-se tudo bello e sublime: a propria morte é bella na idade de quinze annos. A realidade terrivel da sepultura não a concebe o mancebo.

E eras tu, Elysa, o meu condão n'aquelles tempos; — eras tu que me fazias passar as noites e os dias com o coração a trasbordar de alegria e de esperanças; — era o reflexo das tuas virtudes que me embellezava a fronte juvenil. — Eras o meu idolo.

Quanto amo este nome! Amo-o tanto quanto amei a mulher que o teve! Mulher! lhe chamei eu; perdôa, Elysa, tu eras um anjo sob a fórma de mulher, — a tua essencia não era d'este mundo.

Eras uma estrella divina que me appareceste na terra para guiar-me os passos.

Mas a felicidade fugiu-me logo que principiou a raiar-me!

Um só dia, uma só hora, um só minuto foi bastante para anniquilar o edificio de esperanças que fundára a minha imaginação.

Perdi o casto objecto dos meus votos ardentes, — o alvo dos meus desejos puros e sinceros; — perdi Elysa!

Adormecida no leito da morte, lá jazes com toda a tua formosura, com toda a tua pureza.

E nem se quer tive um minuto de meu para dar-te o adeus derradeiro, o adeus da morte.

Voaste ao céu, aonde já vivias de ha muito.

E tu, tu não te alebraste que havia no mundo um ente, cuja existencia estava ligada intimamente com a tua? — esqueceste que morrendo tu, findaria eu tambem?

Oh! louco de mim! — Eu é que me esquecia que me tinhas deixado o teu

nome gravado no coração, na alma em caracteres inextinguíveis.

Eu que só desejava alcançar de ti a felicidade pura e sem mancha, eu consegui o fim que ambicionava tanto.

Amaste-me e fui completamente ditoso. Morreste e a felicidade para mim é uma palavra ôca e sem sentido.

Cumpriu-se mais um destino humano!

Todavia resta-me ainda na adversidade, a que a sorte me votou, uma columna forte, santa, para encostar-me a ella, — é a recordação do teu nome que me faz lembrar tambem o teu viver angelico.

Em quanto eu andar no mundo heide encostar-me a esta columna augusta, porque tem por pedestal o amôr verdadeiro e por capitel a memoria de um anjo.

J. MARCELLINO-MATOS.

### Festas nacionaes nos bellos tempos da Republica Franceza.

Os olhos assim como os ouvidos são o caminho do coração, diz David d'Angers. Na verdade em todos os tempos, em todos os povos as grandes instituições, as idéas sublimes tem descido até ao seu coração por meio de representações sensíveis. D'estas representações as mais notaveis são certamente as festas nacionaes da republica franceza. É de admirar o modo como os republicanos francezes faziam arregar novos habitos deslocando os carcomidos e cadavericos da antiga monarchia. N'estes novos habitos respirava-se o mais decidido amôr, filho do electrico enthusiasmo d'aquelle tempo áquillo que ha de mais magestoso e augusto no sentimento humano.

Nos dois trechos seguintes que extraímos do Diccionario-Politico offerecemos aos nossos leitores este tão bello quadro.

#### Programma das festas nacionaes dedicadas

Ao Ente Supremo e á Nação; — ao Genero humano; — ao Povo Francez; — aos Bemfeitores da humanidade; — aos Martyres da Liberdade; — á Liberdade; — á Igualdade; — á Republica; — á Liberdade do mundo; — ao Amor da Patria; — ao odio aos tyrannos e traidores; — á Verdade; — á Justiça; — á Piddicicia; — á Gloria e Immortalidade; — á Amisade; — á Frugalidade; — á Coragem; — á Boa Fé; — ao Heroismo; — ao Desinteresse; — ao Estocismo; — á Fé Conjugal; — á Ternura Maternal; — á Piedade Filial; — á Infancia; — á Mocidade; — á Idade Viril; — á Velhice; — á Desgraça; — á Agricultura; — aos Nossos Avós; — á Posteridade; — á Bemaventurança . . .

De todas estas festas nacionaes a mais bella foi a que se celebrou no anno 2.<sup>o</sup> da republica.

Ao romper d'aurora do dia consagrado, todos se apressam a ornar as janellas das suas casas com festões e bandeiras para que mais augustamente se celebrem as festas da divindade. Os anciões distribuem as armas a seus filhos, defensores da liberdade; o rouco trovão do canhão rebramã, os tambores resoam, um batalhão de jovens forma em quadrado junto ás suas respectivas sessões. As mãis levam ramalhetes, as filhas açafates de flores, e os homens levam espadas e ramos de azinheiras. Uma salva de artilheria annuncia a chegada. O povo reunido no jardim nacional agglomera-se em volta do amphitheatro destinado para a Convem-

ção. Logo que chegaram as sessões e as auctoridades, deu-se principio á cerimonia. O presidente da Convenção, Robspierre, sobe á tribuna que se eleva no meio do amphitheatro e de lá expõe os motivos que determinaram a festa, e convida o povo a honrar o auctor da natureza. Junto da tribuna alevanta-se um monumento que representa o monstro assollador do Atheismo, sustentado pelo Egoismo, a Discordia e Falsa Simplicidade que sob os andrjos da miseria deixa entrever as gallas que adornam os escravos da realteza. Sobre a fronte daquellas figuras está esculpida a legenda = *seul espoir de l'étranger.* — O Presidente aproxima-se e lança o fogo a este grupo e do meio das suas reliquiás fumegantes surge a figura allegórica da Sabedoria. Depois d'um canto simples e grave, sopita o tambor; o povo dividido em duas columnas, os homens d'um lado e as mulheres d'outro, marcham em duas filas parallelas. O batalhão dos mancebos avança sempre em quadrado. Os representantes do povo vão no centro: cercam-nos a Infancia coroada de violetas; a Adolescencia de myrtho; a Idade Viril de carvalho; e a Velhice de parras e oliveira.

Cada representante leva na mão um feixe de trigo, de flores e de fructos, symbolo da sua missão. No centro da representação nacional quatro touros, arreados com festões de flores, puxam o carro que conduz um trophéo composto dos instrumentos das artes e utensilios e das produções do territorio francez, emblema admiravel que designa os heroes e os benefeitores da humanidade conduzindo a charrua com a mão que sabe domar os reis e os escravos.

Depois de cubrir de flores a estatua da Liberdade, o cortejo assoma ao Campo de Marte. Alli, em cima d'uma montanha que corôa a arvore da Liberdade

ergue-se o altar da patria, diante do qual vão postar-se os representantes. D'um lado estam os homens cantando a 1.<sup>a</sup> strophe do = *chant du départ* =, e todo o povo repete o estribillo; do outro as mulheres cantando a 2.<sup>a</sup> strophe; a 3.<sup>a</sup> é repetida pela multidão. As mulheres erguem os fillinhos nos braços e offerecem-n'os ao auctor da natureza; as donzellas atiram as flores aos ares, os mancebos offerecem as espadas a seus pais, e juram fazer triumphar em toda a parte a liberdade, e a igualdade. Uma estrondosa descarga d'artilheria, symbolo da vingança nacional, accende a coragem dos republicanos. Um canto harmonioso e guerreiro responde ao ruido do canhão; todos os cidadãos confundem os seus sentimentos n'um abraço fraternal, e o grito formidavel de — *Viva a republica!* — eleva-se triumphante até aos céus.

M. J. DE ALMEIDA.

### MEDITAÇÃO.

*Il y a dans toutes les siècles certaines idées generales qui ont traîné les hommes et qui ne sont jamais mises en question. Il faut les reprocher au genre humain on ne les reprocher à personne.*

ORTOLAN.

E os elevados pincaros das rochas alvejavam ainda no derradeiro lampejo do astro do dia.

E o mysterioso crepusculo vinha disputar á noite o seu dominio de trevas.

É esta a hora do sentimento, da recordação e da poesia; — é esta a hora em que o homem com o coração transbordando de dôr ou de prazer contempla melhor o objecto da paixão que nutre n'alma; — é esta a hora em

que a imaginação revolve fatidicas lembranças, antolha felicidades, prevê desditas.

Quão bello, quão preenhe de sentimentos nobres é o crepusculo da tarde!

E n'essa hora eu meditára assim:

Quando os reis e os povos dizem ufanos: — Amanhan liavemos de fazer uma obra grande — a dos reis é uma orgia, a dos povos, forçoso é dizel-o, é ás vezes a destruição . . . . .

Soon em toda a Europa a hora da restauração, o progresso foi rapido, a centelha divina . . . mas á similhaça de um rio caudaloso que leva diante de si traves, pedras e casas, ella arrojou para longe um grande edificio . . .

Porem o que me arrebatá? que terreno trilha o meu pensar? o das ficções? Não, não é chimera o que me impelle á meditação. É a realidade terrivel de um presente e quiçá de um porvir tenebroso para a humanidade . . . . .

As velhas instituições foram desmorradas quasi todas, os thronos dos despotas e dos imbecis desabaram em terra, triumphou o elemento democratico . . . Mas ai! que a cegueira do povo prepondera a despeito da illustração!

A mais Augusta das instituições de outr'ora, a mais proveitosa ás sociedades, e cuja origem váe perder-se na escuridão dos seculos, é sem duvida a dos CLAUSTROS. E nem essa escapou á segure da regeneração, antes foi o alvo principal sobre que todos os rancôres infundados descarregaram desapiedados golpes.

É foi do claustro que saíram os co-rajocos athletas da religião universal; — foi lá que se criaram esses grandes genios que tanto illustraram a humanidade, e cujos preceitos, pela mór parte, ainda hoje vigoram!

É ao claustro que a Europa deve o germen fecundo da civilisação do dia! — é a seus piedosos fundadores que o mundo culto ainda hoje tributa saudosa homenagem!!

E tu, ingrato povo, tu escarneceste, sequioso de ruínas, o padrão de gloria que te legaram os teus maiores; — tu alluiste, insensato, a columna Augusta que respeitaram as edades! . . . . .

Mas para que exprobrar-te uma acção irreflectida? para que? se tu es como a vaga impetuosa, que não recúa, e váe, cega, quebrar-se na raiz do escolho. Tarde corrigirás o teu erro, e, quando o pertenderes, talvez que nem sequer a palavra — *claustro* — saberás então articular!

J. MARCELLENO-MATTOS.

O JUIZO FINAL.

*Judica me, Deus, et discerne animum;*  
PSALMOS DE DAVID.

DE sobre os velhos, amontoados seculos  
Resôa a tuba ingente . . .  
Da morte o anjo desferrolha as campas  
A' voz do Omnipotente!

Lá vão perante um Deus o máu e o justo,  
Eguaes n'um só momento,  
Os reis e os povos, ajoelhando, escutam  
Solemne julgamento!

Surge o cahos sinistro, audaz alçando  
A fronte enregelada,  
Confunde o mar, o ceu, a terra e tudo,  
Tornando o ser em nada!

Recúa o tempo, é cravada a roda  
No seu volver final . . .  
Cessa o possível, foge a vida e a morte  
Ao brado universal.

A derradeira luz brilha nas trevas,  
Cercando a divindade;  
Crepita, afrouxa, bruxulêa e morre,  
Campêa a Eternidade!

EVARISTO BASTO.

(O Trovador.)

---

### CHRONICA.

Com summo gosto annunciamos aos nossos leitores que se acha installada uma associação de sabios e de litteratos com a denominação de — *gremio litterario*. —

No dia 10 do corrente mez de agosto teve logar uma reunião convocada para tratar dos melhoramentos da imprensa portugueza.

Leu-se nella um trabalho da commissão encarregada de dar o seu parecer ácerca do *Memorandum* do Sr. José Estevão no que diz respeito ao serviço dos correios.

Ahi transcrevemos essas medidas que a commissão julgou de maior urgencia apresentar para serem postas em execução. Oxalá que ellas sejam, como é de esperar, immediatamente adoptadas para o facil derramamento das luzes.

1.º Suppressão dos portes de correio em toda a especie de jornaes, ou sejam folhas diarias e semanaes, ou outras publicações periodicas em qualquer periodo, formato, ou volume que se estampem.

2.º Alivio aos livros portuguezes da oppressão de excessivo porte de correio, devendo todos pagar uma taxa uniforme, que affecte só o pezo e não augmente em razão das distancias, fixado em doze sessis arrateis o maximum do pezo para qualquer numero de livros em cada correio ordinario.

3.º Em auxilio do commercio da nossa livraria negociarem-se convenções portaes com o Brasil, Hespanha, Inglaterra, França, Belgica, ou quaesquer outros paizes, em que por estipulações reciprocas se uniformizem os portes de jornaes, livros e impressos, reduzindo as despezas do transito, e determinando a regular communicação pelos paquetes, navios de guerra ou mercantes, correio e postas.

4.º Em quanto taes convenções se não poderem ajustar com as potencias, admittir desde logo, livres de portes, os jornaes e publicações daquelles paizes onde igual precedente se achar estabelecido comnosco.

5.º Encarregar *officialmente* as administrações dos correios em todos os districtos de receberem assignaturas para livros, jornaes, ou quaesquer outras publicações.

6.º Propagar em toda a extensão do reino, e em todas as direcções o systema de seguros por meio de letras a quaesquer quantias, confôrme se pratica já em algumas administrações de correios; mas limitando o pagamento á vista das referidas quantias a uma somma proporcional ás forças de cada administração.

7.º Encarregar *ex-officio* os consules de Hespanha e Brasil de receber assignaturas e vender os jornaes e livros portuguezes, mediante uma commissão, que nunca excederá a quatro por cento de premio.

J. MARCELLINO-MATTOS.

---

### MAXIMA.

Se te perguntarem o que é a amisade, responde: é o vinculo de duas almas virtuosas.

PYTHAGORAS.

REFLEXÃO SOBRE ASYLOS  
DE MENDICIDADE.

Que os asylos de mendicidade são altamente proveitosos á sociedade é fóra de toda a dúbida, principalmente em quanto se não der cabal solução á questão do pauperismo.

Banir de todo a mendicidade ha sido uma das ideias principaes que tem germinado em quasi todas os gabinetes progressistas.

No anno segundo da republica franceza, mr. Barere, apresentou á Convenção nacional um *memorandum*, em que era considerada a questão da mendicidade sob um novo ponto de vista. « Em uma democracia, que se organisa, dizia elle, deve tudo tender a elevar os cidadãos acima da primeira necessidade, por meio do trabalho, se elles teem forças, por meio da educação, se elles forem ainda novos, e por meio dos soccorros, se elles forem invalidos ou velhos. »

Tal era o programma d'aquelle genio innovador.

Segundo a theoria de Barere, devia em cada provincia franceza estabelecer-se um registro com o titulo de: — *Livro da beneficencia nacional*. — O primeiro titulo d'aquelle livro devia de ser destinado para os cultivadores velhos e invalidos; o segundo para os artistas velhos e invalidos; o terceiro para as mães e para as viúvas cheias de filhos que habitavam os campos.

Cada pobre receberia do estado uma pensão estabelecida, e uma verba extraordinaria, quando enfermo.

Já se vê quão philanthropica era a ideia d'aquelle homem: proclamava o grande principio de humanidade, esse

principio civilizador, de que os gabinetes se teem esquecido, que a industria e a agricultura devem de ter invalidos, assim como os tem a guerra; — que o thesoiro devia de abrir-se igualmente para o defensor da patria e para o seu nutridor, e que a beneficencia nacional devia de ir bater á porta do necessitado.

Os desejos, porém, do celebre autor do memorandum não vingaram — porque acharam opposição em Bonaparte, o qual mandou fundar sumptuosos edificios para servirem indistinctamente de hospicios ou asylos á mendicidade.

Introduziram-se n'esses hospicios não só homens que, ou pela idade ou pelo mingoado salario que percebiam do seu trabalho, não podiam alimentar-se a si e aos filhos, mas tambem centenaes de ociosos e devassos que fingiam molestias que não tinham.

Napoleão pertendia acabar com a mendicidade pelos mesmos meios por que pertendeu reduzir o mundo — *quero* — e nada mais.

D'aqui a má organização dos asylos — e por conseguinte os poucos successos que davam em resultado; e as gravosas despezas improductivas que o estado fazia.

E a mendicidade não diminuia. E os operarios que noite e dia trabalhavam com actividade, lançavam um olhar de rancôr para esses devassos, que regaladamente comiam o pão de uma caridade mal entendida nessas casas de ociosidade.

Agora que em Portugal se alevantou o zêlo da caridade a bem da humanidade infeliz, faremos uma observação, que nos parece não vir fóra de proposito, e que pôde trazer consigo grandes vantagens.

Em tres classes podemos dividir os homens que se sujeitam a comer o pão

da caridade publica — 1.º dos que não podem trabalhar por idade, ou falta de saúde; 2.º dos que não podem subsistir pela mesquinhez do salario; 3.º dos ociosos e devassos.

Admittam-se nos asylos das cidades todos os braços que já não teem vigor, por lhes faltar a robustez da mocidade ou por serem victimas das molestias.

Sejam estes os unicos a quem a beneficencia publica conceda ametade do seu pão.

Não se continue a admittir nos asylos iadifferentemente quem não pôde trabalhar e quem o não quer fazer.

Mas que destino se ha de dar ás outras duas classes de pobres? É sobre este ponto que vamos chamar a attenção dos nossos legisladores; — vamos estabelecer um principio, que, se o virmos realisado, talvez que não tenhamos de expulsar com indignação da nossa parte — um homem que nos pede esmola e que todavia conhecemos evidentemente não precisaria d'ella, se podéra votar-se ao trabalho.

— Que mandrião! com um corpo tão robusto e a pedir! — é a phraze que todos os dias envergonha o miseravel a quem é dirigida. Não a queremos ouvir porque é um epigramma á civilisação, e todavia desejamos que se negue ao mendigo, *qua* tal, o direito á beneficencia pública.

Expliquemo-nos.

Em os asylos de mendicidade, bem organizados, os desgraçados, a quem não faltam as forças physicas, são occupados, em horas determinadas, em certos trabalhos da industria manufactureira ou fabril. Ora é sabido que o cabedal que elles empregam na sua industria não é seu, queremos dizer, não lhes custou o suor do corpo, foi a caridade quem lh'o concedeu.

As manufacturas de caridade, fazem uma guerra de concurrencia desastrosa

às manufacturas livres; multiplicam productos, já superabundantes, e vão assim reduzir os preços a uma taxa prejudicialissima aos operarios que não recebem o subsidio da caridade. D'este modo a beneficencia publica, debaixo d'este ponto de vista, é um flagello horrivel para a classe industrial, propriamente dita.

A agricultura, como diz um distincto collaborador do dictionario politico, é d'entre todas as industrias a que menos teme a concurrencia. Duzentos ou trezentos mil agricultores de mais ou de menos em uma nação não fariam sentir a sua influencia no preço dos productos da industria agricula. E talvez possamos até avançar que a baixa permanente e, podendo ser, normal do preço dos generos, não é uma calamidade, seria antes uma vantagem para a sociedade, por que a agricultura é a unica industria em que o consumo acompanha a produção passo a passo.

Não queremos ver somente em as grandes e populosas cidades alevantarem-se magnificos edificios, destinados a recolher os infelizes que a sorte persegue. Desejamos do coração que se estabeleçam nas provincias e nas aldeas, asylos especiaes para os miseraveis que com o suor do rosto podem ainda ser uteis a si e aos seus.

Fundem-se especies de colonias nos diversos pontos do reino, onde a terra parece esteril, mas que sendo roteada pôde vir ainda enervar a nossa agricultura: — formem-se associações ou commissões, por ordem do governo encargadas de empregar os mendigos, propriamente ditos, no amanho das terras, mediante um tal ou qual salario.

Este roteamento pôde levar muitos annos porque temos legoas e legoas de terra inculta — em quanto elle durar, mata-se a fome a milhares de infelizes,

— E quando já não poder empregar-se tanta gente n'este serviço; não duvide o governo aforar essa terra já capaz de produzir a quem soube aperfeiçoal-a, dê-lh'a de prazo de vidas ou phateusim por uma pensão modica — por uma insignificancia que o pobre possa ter ajuntado no seu peculio á custa de economias.

Este processo é pesado ao governo, hem o sabemos, porque tem de empregar um cabedal improductivamente, pelo menos durante alguns annos. Mas empregue-o, empregue-o que d'este modo, á custa de um pequeno sacrificio, fará a ventura de uma grande porção do povo portuguez, que deseja ou é capaz de trabalhar e não tem em que se ocupe, nem os meios para isso.

Alem das vantagens expendidas, resulta da fundação d'estas colonias ou asylos provinciaes força para os corpos, e liberdade para o espirito.

Quando a nação precisar de engrossar o exercito, achará n'aquellas colonias homens vigorosos, robustos soldados.

Se um dia a patria se vir em perigo em frente de uma invasão estrangeira, em vez de 14 ou 15 mil homens, contará com outros tantos soldados, quantos forem aquelles a quem matou a fome.

E não teremos de vér, como hoje acontece, a cada hora, a cada momento uma tumba dos asylos para o cemiterio, e do cemiterio para os asylos, como querendo resolver o problema do moto continuo.

A ideia que expendemos, além de poder com pequenos sacrificios, realisar-se — já se viu em execução em Frederick's Oord. Esta colonia agricola dos Paizes-Baixos foi fundada em 1818 — e apresenta o exemplo do bom successo que póde colher-se, em se obrigar os mendigos, submettidos a um regimen

severo e ao mesmo tempo humano, áquella especie de trabalho.

Em 16 annos poderam os trabalhadores empregados n'esta colonia, reproduzir as despezas da sua fundação, além da despeza diaria que faziam, e tornaram uma charneca em fertes campinas.

É isto o que nós ambicionamos, e o que toda a nação desejará.

E deixem se para os enfermos e para os velhos esses edificios sumptuosos das cidades, onde vão passar os derradeiros dias da vida. Agradeça se aos bemfeitores da humanidade a esmola que dão a esses infelizes, já que não podem prescindir d'ella, sem faltarem a um dever da natureza. Reconheça-se que o soccorro ao que não tem forças é a solução de uma divida sagrada! Mas não se encerrem nas cidades os filhos dos campos, não se quebrem as relações das familias, antes se criem áquelles que as não tem, pois que são ellas o primeiro anel na cadeia dos vinculos sociaes.

Ennobreça-se a classe mendiga por meio do trabalho. Quando aceita a esmola todo o homem córa, e o homem livre é digno de melhor sorte!

J. MARCELLINO-MATTOS.

---

## A FORÇA DA ASSOCIAÇÃO.

**A** historia de todas as epochas temnos ensinado que as nações, assentadas na cupula do seu engradecimento, magestosas como os cedros do Libano, se deixam adormecer no seio das delicias da opulencia, esquecendo-se que dentro dos elementos, que lhes deram o ser, gyram correntes electricas que mais tarde ou mais cedo hão de desafiá-las a nuvem vagueante, que lhes ha

de fulminar o raio da destruição, confundindo-as com o mais humilde arbusto da Palestina, deixando apoz de si uma chronica de saudosas recordações, um futuro de mesquinhas esperanças e um pelago medonho de ruínas, em que o viajante verá os lettreiros dos feitos famosos que as elevaram ao cumme da grandeza, a que subiram, para se verem morrer. De maneira que as nações opulentas podem comparar-se ao suicida que sobe ao mais alto das ameias do telhado para conceber mais seguras esperanças da morte que deseja receber das proprias mãos. Tambem se lhes pôde aplicar o que Bonaparte disse dos homens grandes « que são como os metheóros que brilham e se apagam alumiando sobre a terra »: o mesmo tem acontecido ás grandes nações. Na epocha do seu maior brilhantismo apagam-se alumiando sobre o universo.

A posteridade, que contempla as doiradas ruínas que ora servem de tumulo ás soberbas reliquias da nação decaída, chora sobre ellas como o propheta chorava sobre os restos de Sião.

Porém, ainda existe uma força omnipotente que do cahos pôde fazer surgir a estrella polar de uma nova existencia; — é a associação, a cujo mando imperioso tudo apparece, como á voz do Creador — *fiat lux* — apparece o espelho resplandecente em que se reflectem as maravilhas do universo.

Diante da força da associação tremaram os gabinetes mais gigantes que tem apparecido no mundo.

Os soberanos da Allemanha, não confiando nas suas forças, invocam o auxilio das associações populares, e formando a associação chamada das *virtudes*, fazem parar o pro-consul da republica franceza no meio do caminho da monarchia universal.

O gabinete de S. James viu saír, contra sua vontade, diante da associa-

ção catholica, criada por O'Connell, o bill da sua emancipação; e apezar da guerra viva do parlamento inglez contra as exigencias irlandezas, o povo mais pobre e mais humilde de toda a Europa obrigou o presidente do gabinete thory a confessar em pleno parlamento que desconfiava da segurança da Inglaterra, isto é, do paiz mais valente do mundo, não se concedendo o bill.

A força da associação é como a alavanca de Euclides, que assegurava mover o mundo, dando-lhe um ponto fixo fóra da terra. A valentia d'esta alavanca estava na razão do seu comprimento. A da associação está nas suas dimensões: tendo o seu ponto fixo na egualdade, e alargando-lhe a aria da sua extensão, alevantar-se-ha o mundo moral sob a sua potencia, e os raios brilhantes da civilisação repintar-se-hão sobre todos os pontos do desenvolvimento humano.

É, certamente, a associação que está encarregada do cumprimento dos destinos da humanidade, a civilisação e o progresso.

E, na verdade, o progresso está no desenvolvimento simultaneo de dois elementos, o individuo e a sociedade. O individuo sem a sociedade é menos que um pigmeo, e com ella é mais que um gigante: e a sociedade sem o individuo é uma palavra sem significação.

Estes dois elementos são governados por duas leis, uma centripeta, outra centrifuga. Esta é a consciencia do individualismo que tende a observar tudo, caminhando fraco ao centro para voltar valente á circumferencia, e dá em resultado o isolamento, a fraqueza: aquella é a sociabilidade, que, puxando as forças individuaes da circumferencia para o centro, fórma a unidade, e d'aqui constitue se um nu-

eleo de forças, que, bem dirigidas, produzem a civilisação.

É mister, porém, advertir que o movimento de harmonia é sempre o que rege todos os seres, e que deve imperar sobre aquellas duas leis; porque, se o individualismo é superior á sociabilidade, destróe-se o centro de unidade, e a maquina social adquire um movimento de oscillação, até que se precipita em terra; e se a sociabilidade é superior ao individualismo, até o absorver, a sociedade vae cair na communhão, utopia risonha dos socialistas.

É, pois, a associação a lei de harmonia, que, consagraudo o principio da egualdade, deixa intacto o individualismo, e, puxando ao centro todas as forças por meio de uma feliz combinação com elle e com a sociabilidade, cria a unidade; e a expressão d'esta combinação vem a ser a harmonia, que ha de dar em resultado o progresso.

E terá, por ventura, apparecido esta lei? julgamos que não: porque ainda não appareceram os factos constantes que a exprimissem. Apenas começam a nascer alguns signaes percursores que veem saudar a chegada do progresso.

Qual será, pois, a razão da sua demora? Nós assentamos que todas as coisas no mundo physico e no mundo moral estam sujeitas ás trez leis, de que falla Guilherme Tiberghien na sua *historia philosophica da origem dos conhecimentos humanos*, que veem a ser unidade, variedade e harmonia. Na primeira estam resumidos em embrião os elementos de diversas existencias e as formulas em que se ha de exprimir o seu modo de existir; a segunda é quando a unidade se quebra e apparecem sem ordem, nem ligação; a terceira, a harmonia, é quando vem ligar os elementos que andavam fóra da unidade, casando os com a mesma unidade, para obstar á anarchia da variedade.

São, pois, estas tres leis que presidem ao desinvolvimento social, percorrendo cada uma d'ellas um periodo de existencia mais ou menos longos, segundo os obstaculos que encontram na sua rotação. Estando, por tanto, todos os seres avassallados por estas leis, os elementos do progresso residem debaixo do seu imperio, e tem por essa causa tão sómente percorrido o espaço da unidade e variedade, restando-lhes percorrer o da harmonia, para se revestir de um caracter definitivo.

Explicamo-nos: os elementos do progresso existem no centro da unidade, o individuo, porque n'elle existe a consciencia do individualismo e sociabilidade; ora, quebrando-se a unidade, apparece a variedade, que vem a ser o individuo e a sociedade, sem ordem, nem ligação; mas logo que estes elementos se casarem entre si, tudo entra em ordem, e então apparece a harmonia exprimida pela formula — associação.

Ha, pois, n'estas duas leis a propriedade de se augmentarem as forças ao passo que a sociabilidade consagra estreita alliança com o individualismo, e quando o individualismo se desvia d'esta alliança, ha diminuição de forças; no primeiro caso o progresso e civilisação é consequencia necessaria, porque existe um augmento de potencia; no segundo temos o isolamento, mais ou menos pronunciado, e por isso a falta de forças; e d'aqui a imperfeição e ausencia do progresso.

Postos estes principios, fácil é concluir que a causa do retardamento do progresso e civilisação é, sem duvida, o isolamento de forças, e por consequente a desligação dos dois elementos, o individualismo e a sociabilidade.

Em outras palavras, a lei da harmonia ainda não percorreu o seu periodo, e porisso a alliança com as duas leis está ainda distante, e a sua realisação

ha de chegar, quando apparecer a lei da harmonia, isto é, a associação, porque só esta pode unil-as, proclamando os principios da egualdade; e dando-lhe um caracter de homogeneidade facilitará a sua união.

D'aqui se deixa ver, por tanto, que a associação para todos os fins humanos significa a lei de harmonia, lei ultima que rege e governa todos os seres; e que da sua apparição ha de nascer o progresso e a civilisação.

É mister, porem, advertir que este progresso e civilisação não se funda só nas associações parciaes de um povo, define-se na associação universal de todos os povos, porque, se o individuo não pôde desinvolver-se e civilisar-se sem a sociedade, tambem um povo, uma nação, que se pode abstractamente considerar como um individuo, não poderá desinvolver se sem as outras nações; por conseguinte a associação universal de todos os povos dará em resultado o progresso de cada uma das nações, e a d'estas o desinvolvimento do individuo.

Eisaqui, por tanto, as leis que presidem ao desinvolvimento social; e em quanto estas não percorrerem os seus periodos, até que entre em movimento a lei da harmonia, traduzida na associação, o progresso será sempre refractario a todos os esforços humanos; e se algum clarão raia, será igual ao relampejar que se desvaneca no mesmo momento da sua apparição.

Agora perguntaremos nós, a quem estará destinada a gloria d'este triumpho de regozijo universal? será ás decepadas e bastardas instituições do seculo? assentamos que não: porque o ponto de apoio, em que se hão de firmar as alavancas da associação, é a egualdade, e esta é consagrada e proclamada pela democracia. Por tanto é a democracia que ha de receber o arco triumphante

do progresso universal, incarnando n'ella a lei omnipotente, a associação.

Conhecemos que o *casus foederis* ainda existe a longas distancias; mas nem por isso devemos concluir que seja uma utopia, porque a razão concebe que a sua realidade cabe na esphera da possibilidade; e a historia comprova que a utopia de um seculo é a realidade do seculo seguinte.

Ha tambem na associação uma propriedade inherente á sua natureza, que vem a ser a liberdade, attributo do individualismo intacto mas homogeneo: esta propriedade é a vida moral da associação, tirar-lh'a, sujeitando-a a uma vontade alheia é organizar a escravidão, e a associação de todos os povos não será mais do que a monarchia universal, principio despotico, absurdo, impossivel.

N'uma palavra, não duvidamos pedir, como pediu Descartes, com materia e movimento fazia um novo mundo; concedam-nos liberdade e associação e faremos um novo mundo moral.

M. J. DE ALMEIDA.

#### DA LIBERDADE DE OPINIÕES.

**U**Ma das garantias mais augustas que o homem pôde encontrar na sociedade civil, é, sem duvida, o direito de exprimir livremente os seus pensamentos.

Este direito, antigo, como as nações, data d'esses tempos immemoriaes em que os primeiros habitadores da terra em sociedade, os povos noma-das acampavam em frente das tribus errantes que os guerreavam. Quando o chefe mandava levantar campo, e a ordem era menos conveniente, erguia-se do meio da tribu, prestes a marchar, um velho guerreiro, e expunha os maus resultados da partida.

E tudo ficava, como d'antes.

Decorreram os seculos, e no seu volver apressado foram esmagados muitos d'esses dons que a natureza prodigalisou ao homem. Viram-se desaparecer da face da terra os seus primitivos habitantes e vir apoz elles uma geração toda nova, com novos habitos, costumes e usos diversos. A simplicidade e a igualdade patriarchal cedeu o campo ao orgulho e á ambição. Ide hoje á Asia e ousae lá proclamar a sagrada phrase — *a soberania provem do povo* — e a vossa cabeça rolará pelas praças publicas: — dizei ao imperador da China que é absurdo o titulo de — *filho do sol* — que elle se arroga, e em poucos minutos não mais vereis o cutello fatal que scintillou sobre vós.

É nos governos livres, e só n'elles, que a liberdade de emittir as nossas ideias, constitue um direito *qua tal*; — é lá que se pôde usar amplamente d'esse precioso dom com que o Autor da natureza aprouve adornar-nos a alma.

O grande fundamento das nossas opiniões é a convicção. A convicção é o só criterio que tem o espirito humano para distinguir o bem do mal.

Antes de se inclinar a abraçar uma ideia qualquer, antes de a seguir como verdadeira, estuda o homem a sua razão sufficiente, a sua causa; medita, calcula quaes e como serão as consequências, treme ou ri ao prevê-as. Muitas vezes, depois ou até mesmo durante o decurso d'este processo mental retrocede o espirito, arrepende-se, e tudo o que até ali tinha obrado, esváese e nem sequer vestigios deixa.

Mas quando, depois de um longo e porfiado trabalho intellectual, ao cabo de uma serie de combinações entre uma causa e as seus effectos, á força de proseguir na intentada empreza, começa de scintillar um raio de verdade por entre as trevas da duvida e da incerte-

za; — quando esse raio de luz se engrandece na razão da escuridade da orbita que o encerrava, e quando já não apparece ali senão o triumpho da verdade; então já o espirito do homem não é livre na escolha da verdade ou da falsidade; — ha de forçosamente abraçar a primeira, é esse o seu destino, foi a rasão quem lh'o mandou.

Então comparando o homem o resultado dos seus trabalhos intellectuaes com as produções menos exactas que se lhe offerecem ao inteadimento, ha de forçosamente adoptar por opinião sua aquillo mesmo que lhe arraigou na alma a convicção.

Essa opinião é já um acto necessario do seu espirito: já não tem liberdade para deixar de professar o que lhe elle aconselhou como bom: obra necessariamente.

D'aqui a natureza da diversidade e liberdade de opiniões.

E na verdade, se as opiniões são filhas da convicção, e esta varia segundo variam os diversos modos de pensar dos homens, claro é que tolher a manifestação dos pensamentos seria a maior das loucuras, e o maior dos males para a sociedade civil. O que um homem julga bom e de que está convencido, regeita outro por nocivo e não pôde perceber como encerra em si um atomo de bondade. Com o mesmo fundamento com que este abraça como proveitosa uma opinião, regeita-a aquelle como prejudicial; porque as suas convicções não estam de acôrdo, divergem os modos de pensar.

A grande questão da liberdade de opiniões tem sido tratada por todos os publicistas, como uma questão não só de direito politico-philosophico, mas de direito politico-constitucional — e todos elles são concordes em que, salvos dois casos excepçionaes, deve de garantir-se na sociedade civil a completa liberdade

dê opiniões aos seus membros. A primeira das excepções é a não liberdade de manifestar opiniões que comprehendam injurias e calumnias. E na verdade quando o homem solta dos labios palavras injuriosas ou calumniosas, temos uma acção que vá ferir a propriedade alheia, a sua honra. O injuriante exprobra a outrem defeitos *physicus* ou moraes, o caluniador imputa-lhe factos illicitos. Ambos elles violam uma obrigação absoluta, ou pelo menos *hypothetica*, e ambos vão d'est'arte offender a harmonia e a boa ordem que deve de reinar na sociedade.

Formam a segunda excepção as opiniões sediciosas.

Classificar, como deve ser, taes opiniões, produzir uma linha divisoria entre as opiniões sediciosas e as não sediciosas, além de não ser da competencia do direito philosophico, é um dos processos mais difficeis do direito positivo.

(Continuar-se-ha)

J. MARCELLINO-MATTOS.

---

#### CHRONICA.

Já Victor Hugo disse que não ha senão um lugar no mundo, aonde possam asyalar-se os grandes genios, que é o tumulo. A verdade terrivel d'este pensamento remol-a, infelizmente, realisada todos os dias.

Nos tempos antigos viu-se Athenas expulsar do seu gremio a Pythagoras, como embusteiro; Zawisier foi guilhotinado em Bailly; Fulton teve de sair da França porque era alcunhado de charlatão, e Wethneys succumbiu no exilio depois de felicitar os Estados-Unidos; e até em os nossos dias os grandes homens expiam a sua gloria ignominiosamente.

Os inventos que mais poderosamente teem concorrido para a civilisação do mundo, são a arte de Guttemberg, o vapôr e o carril de ferro.

É o grande talento que realisou no Continente esta ultima invenção, Ridder, esse homem celebre, lá jaz enterado em negra inasmorra, contemplando, saudoso da liberdade, a sua obra gigantesca, essa obra santa que os passados teriam por fabulosa.

E quando a França e a Belgica se enchem de jubilo e de orgulho pelo aperfeiçoamento dos caminhos de ferro, espera Ridder, talvez, a leitura da sua sentença!

Quando em 1826 Mahmoud II. dissolveu a turbulenta guarda dos janizares, milicia audaciosa que chegou muitas vezes a oppor-se ás reformas do sultão, não se lembrou que apenas destruía um instrumento fiel de outra corporação mais temivel ainda, e que hoje, mais que nunca prepondera na Turquia; é a corporação denominada — *ulemas* — O seu grande poder e influencia resulta do caracter religioso e judicial de que é revestida — e que para povos fanaticos e ignorantes é o maior ascendente possível.

Inaugurou-se ha poucos dias na cidade do Porto a abertura de um asylo de mendicidade. Por em quanto apenas recebeu 16 mendigos, mas esperamos da philanthropia dos portuenses que dentro em breve não teremos de ver uma grande parte da humanidade morrendo de fome ás portas da cidade illustre.

Oxalá que as de mais cidades e villas do reino sigam o exemplo do Porto, e então Portugal saberá mostrar ás outras nações que a civilisação não é privativa d'ellas.

J. MARCELLINO-MATTOS.

### QUE É A INGLATERRA ?

**U**ma nação que em paz todas as outras a contemplam, com espanto, e movendo-se todas se abalam.

Os mares da Asia, Africa e Australasia, escumam ante seu suberbo tridente, e a terra geme debaixo do péso das carretas de sua grossa artilheria. O seu pendão é dividido por todas as nações do mundo com um respeito venerando! Como é que esta nação subiu ao throno da supremacia europêa, quando ainda não ha muito que o ministro de D. José I. lhe respondeu com arrogancia, que para a vêr morrer de fome bastava que Portugal lhe recusasse ametade de seus cereaes? Uma energia de ferro, um espirito de invenção, a grande cultura, as descubertas e aperfeiçoamentos das machinas, e finalmente o ter sido o leme do estado guiado por uma politica quasi prophetica, deram em resultado a opulencia invejada e temida de todo o mundo. Para dar uma idéa da sua grandeza colossal observaremos em panorama e de relance o seu estado agricola, commercial, financeiro e politico. A Inglaterra considerada em quanto ao seu terreno apenas comprehende 612 legoas medianas de circumferencia, 12 de longitude, e 100 de latitude desde o monte de S. Miguel até Douvres. Sua superficie total é de 7598 legoas quadradas.

Esta superficie porém é de natureza pouco favoravel á producção, porque seu solo semeado de montanhas, mil tresentas e trinta legoas de terras estereis, uma atmospheria impregnada de nevoeiros torna impossivel a cultura d'aquelles productos que fazem a riqueza do continente; por esta causa não pôde produzir nem os vinhos da Fran-

ça, nem a oliveira da Hespanha, nem a amoreira da Italia. Apesar da pequena benignidade da natureza com o territorio inglez, a sua industria agricola e commercial tem alargado a sua orbita a ponto de ir bater ás portas de todos os grandes mercados do mundo. Em 1832 o valor annual do producto em bruto do trabalho agricola era estimado acima de 1,846,650,000 francos, e em moeda portugueza em 295,464,000,000 duzentos noventa e cinco mil quatrocentos e sessenta e quatro milhões de reis, ou 73,866,000,000 de cruzados, isto é, setenta e tres mil oitocentos e sessenta e seis milhões de cruzados. No espaço de um anno a applicação do vapór aos motores mechanicos deu tal impulso á producção industrial, que em 1833 a cifra dos productos em bruto das manufacturas era estimada em 3,725,000,000 francos, (em moeda portugueza são 596,000,000,000 reis, isto é, quinhentos e noventa e seis milliares de milhões de reis ou 149,000,000,000, isto é, cento e quarenta e nove milliares de milhões de cruzados). Por estas duas parcellas já se pôde fazer uma idéa da riqueza agricola e industrial da Inglaterra. Passamos agora a vêr a grandeza do seu commercio, que precisamente deve ser em porproção daquella massa espantosa de productos agricolas e industriaes, porque a elevação na escalla da producção é proveniente da elevação na escalla do consumo; ora o commercio procurando os mercados augmenta os consummos e por conseguinte a producção, é pois esta a razão porque aquelle diluvio de productos que enchém os armazens inglezes, é signal d'um vantajoso commercio. E na verdade a perfeição e barateza dos productos, a habil politica do governo inglez em fazer contractos desvantajosos para as nações estrangeiras, a feliz escolha dos estabelecimentos coloniaes,

os carris de ferro, a navegação, desempediram as correntes da circulação de tal maneira que se pôde dizer que a Inglaterra era só a vendedora de toda a Europa, e de grande parte da Asia, Africa, America e Australasia. A prodigiosa extensão do seu commercio pôde conhecer-se nas cifras seguintes: em 1837 as suas exportações elevaram-se a 1,797,803,675 francos; e no mesmo anno 44:526 navios de commercio de 7,207,071 tonelladas, entraram e saíram nos portos de Inglaterra. D'este numero 29:722 eram inglezes e 14:804 estrangeiros.

Se pelo lado commercial e agricola a Inglaterra apresenta um aspecto lisongeiro, pelo lado financeiro, é um pouco sombrio, porque a rapida generalisação das maquinas, tem paralisado um grande numero de braços. A concentração dos cabedaes nas classes superiores da sociedade tem feito com que uma grande parte da povoação ingleza ficasse sujeita á mercê d'uma vida precaria, de maneira que tendo a Inglaterra 12,472,110 habitantes, conta neste numero 939,977 obreiros que não podem viver sem o soccorro da caridade publica: para cujo fim se alevantou uma taxa especial chamada dos pobres que em 1836 se elevava á cifra de 160,150,000 francos. A sua supremacia politica e industrial está arvorada no meio d'uma frota de 554 náos de guerra e perto de 100:000 homens de tropas terrestres: a armada consome 197 milhões, e a marinha 105 milhões; os juros da divida publica absorvem 700 milhões e o resto das despezas do estado 162,324,000, montando assim em 1836 as despezas geraes do estado a 1,164,314,000. Para fazer face a estas despezas estrondosas o governo inglez tem alevantado contribuições acima de mil milhões. Se a cifra das despezas publicas é espantosa a da divida nacional não é menos: em 1689,

era de 16,666,550 francos: em 1783 era de 6,668,120,000 francos: e em 1837 tinha chegado á cifra de 19,132,487,000 francos. Os seus bancos tem em circulação 733,760,000 francos de papel-moeda.

(Continuar-se-ha)

M. J. DE ALMEIDA.

## DA LIBERDADE DE OPINIÕES.

Continuado de pag. 16.

Quando em um parlamento, por exemplo, os membros de uma camara discutem porfiadamente os principios constitutivos d'este ou d'aquelle systema de politica, sem se agarrarem a especialidades, sem se referirem a certa e determinada nação, e menos ainda a certo estado d'ella, ninguem ousará taxar de sediciosas opiniões assim exaradas.

Estas as duas unicas excepções que podem pôr se á regra geral da liberdade de opiniões.

Todos os mais pensamentos do homem, quer elles versem sobre a religião, quer sobre o commercio, quer sobre a industria, e em geral sobre qualquer dos ramos dos conhecimentos humanos, podem livremente expender-se.

Todo o homem tem e deve ter liberdade anterior para manifestar as suas opiniões e liberdade posterior para não ser castigado por causa d'ellas.

D'aqui a injustiça dos tribunaes de censura previa, que a estupidez havia alevantado e que desabaram em terra com a quêda do absolutismo.

E na verdade, até julgamos impossivel a um governo qualquer o negar a liberdade que a natureza concedeu ao homem de manifestar a opinião de que está convencido, segundo o que leva-

mos dito; porque se houvesse um governo tão deshumano e tão pouco illustrado que o pertendesse — quaes os meios? quaes as vias porque teria de marchar?

Ou elle havia de deixar aos cidadãos a decisão de quaes as opiniões boas, que podessem manifestar-se e quaes as más, que deviam calar-se, ou havia de formar um *credo* ou symbolo com o caracter de historico, religioso, scientifico, industrial, etc., que seria como um oraculo que devia consultar-se em tal caso, ou finalmente teria de criar um tribunal especial, encarregado de tal decisão.

Quanto ao primeiro ponto, facil é concluir a insufficiencia de tal modo de decidir entre opiniões boas e opiniões más; se, como já dissemos, as opiniões dos homens variam, segundo variam os modos de pensar, nunca poderia chegar-se a conhecer quaes as opiniões que não offenderiam a sociedade e quaes sim, porque a opinião que um repellia como erronea, abraçal-a-ia outro com o fundamento da veracidade.

Pelo que respeita ao *credo*; esta instituição monstruosa só pôde ter cabimento em uma cabeça ôca. Quando se pertendesse levar á realisação tál projecto, seria mister suppôr um absurdo — que a civilisação tinha tocado o crócheo da sua elevação, porque só deste modo é que tal *credo* poderia ser a pedra de toque das opiniões dos homens — aliás a historia do progresso do genero humano seria uma historia fabulosa. Se a época da fixação d'esse *credo* fosse a era em que Gallileu atirou ao mundo com a sua invenção, veriamos o genio do reformador d'aquelle philosopho succumbir diante das palavras sacramentaes de um artigo do tremendo *credo*: ainda hoje passaria como certa a immobildade da terra e o movimento do sol. De mais, era preciso

que tal symbolo participasse da essencia divina; não devia abranger só o presente e o passado, tambem havia de adivinhar o futuro. Um *credo* infallivel como o symbolo da igreja catholica, só poderia existir, se tivera por autor, como elle, o proprio JESUS CRISTO.

Relativamente ao tribunal especial incumbido da critica ácerca das opiniões; devemos de confessar que se fôra possivel existir tal instituição, seria fertil em inconvenientes sociaes. Em primeiro logar ou o tribunal havia de ser distincto e independente do poder civil, ou com elle teria de estar em harmonia. No primeiro caso, a sorte de um governo dependia do tribunal especial — que, approvando opiniões erroneas, e que fossem d'encontro á administração civil, podia deste modo fazer com que se revoltasse a opinião publica contra os imperantes — e d'aqui males incalculaveis, principalmente se o tribunal tivesse em vista a padrinha-gem de mãos governantes.

De mais, assim como é mister para a formação de um corpo de delicto que exista uma lei anterior, que declare o facto criminoso, do mesmo modo seria precisa a existencia de uma lei, que declarasse erronea esta ou aquella opinião para ser prohibida. Ora, esta lei necessariamente devia de ser o *credo* ou symbolo, de que fallamos: e se elle é impossivel, impossivel será o tribunal que teria de dirigir-se por elle. E no caso que o tribunal operasse de accordo com o governo no exame das opiniões, então estas duas potencias de mãos dadas não seriam outra cousa mais do que o despotismo levado ao ponto mais culminante. A unidade que resultaria da reunião dos dois poderes, seria a voragem sempre ameaçadora da sociedade — não só podia o tribunal taxar de más opiniões boas, mas até cabia na sua alçada im-

pôr silencio á convicção do homem. A discussão seria um crime grave.

Estas instituições, inúteis todas pelas suas consequencias funestas tem sido a causa principal do atrazo e ruina das nações. Se não fôra a academia real das sciencias, em quanto Portugal alimentasse o tribunal de censura prévia, não gozariamos dos partos excellentes da penna de Paschoal José de Mello Freire.

A liberdade de opiniões estende-se até á censura das leis. E na verdade se o poder legislativo fôra infallivel, escusada seria a liberdade de emittir opiniões ácerca da justiça ou injustiça das leis. A experiencia porém mostra o contrario, e sendo licito a cada um discutir sobre as leis, d'este modo o legislador será mais cauteloso no faziemento d'ellas — e quando errar lá terá a opinião publica para esclarecel-o no futuro. A escravatura ha poucos annos era considerada como um trafico justo. Mas hoje não ha um homem só que não alevante um brado a favor da humanidade aviltada! — Foram os grandes genios que amostraram ao legislador a senda errada que trilhava.

O mesmo estado social entra no dominio da liberdade de opiniões. As vantagens que d'aqui resultam são incontestaveis. Se Rousseau, Montesquieu e outros não combatessem nos seus escriptos os systemas politicos dos seus maiores — a sciencia do direito politico ainda hoje jazeria nas trevas do feudalismo — e as sociedades modernas não teriam saboreado os sazoados fructos das lucubrações d'aquelles publicistas!

E até o governo, com os seus dogmas politicos não escapa á liberdade de opiniões. Que a soberania provém de Deus, que a pessoa do monarcha é sagrada e inviolavel, isto não quer dizer nada, são prejuizos hereditarios que não teem significação. Se os imperan-

tes civis e os seus ministros não promoverem os interesses materiaes e moraes da nação — os seus actos hão de forçosamente ser censurados — e de nada lhes valem aquelles dogmas, aonde vão buscar a sua origem.

A liberdade de opiniões não deixa de exercer sua influencia nos julgamentos dos tribunaes judiciaes. Este direito porém é um direito reservado, isto é, não deve de affectar os actos da vida intima do magistrado; — é por isso que hoje se faz distincção entre vida publica e vida privada dos empregados publicos; a publica entra no dominio da censura; a privada, a intima, essa é sagrada, assim como a de qualquer simples cidadão.

Em uma palavra, as vantagens que derivam da liberdade de opiniões são immensas — é por meio d'ella que se fórma a opinião publica, essa alavanca forte que sustenta os governos bons e alúe os máus. É a opinião publica o pharol dos governos livres. — O despotismo, que vive na escuridade das trevas, não pôde supportar a luz benefica da opinião publica; persegue e oppõe-se á liberdade de opiniões: está continuamente em guerra viva com a verdade.

Eis, pois, em poucas palavras qual a natureza, e importancia da liberdade de opiniões. Muitos são os meios que se teem inventado para a realisação d'este direito: as conversações particulares, a escripta, propriamente dita, a pintura, os hyeroglyphicos, o desenho, a esculptura, e sobre tudo a imprensa: taes são os canaes por onde o homem pôde communicar aos outros os seus pensamentos, as suas opiniões.

J. MARCELLINO-MATTOS.



## PHILARMONICAS-FILIAES.

Não ha duvida que a instrucção é o alimento espirital dos povos. Um dos meios mais convenientes para que esta possa por todos ser recebida, é fazel a entrar em circulaçào ao menor preço. Lembravamos nós que o estabelecimento de philarmônicas filiaes poderia preencher este fim, operando da maneira seguinte:

1.º Organizar naquelles pontos de cidades ou villas em que houver mais amor á sciencia, e assignantes para sustentarem a sua installaçào, uma philarmônica mãe.

2.º Esta deverá ter em dez pontos principaes estabelecimentos de igual natureza, ou philarmônicas-filiaes, cuja residencia, afim de evitar despezas, poderá ser na casa das camaras municipaes.

3.º Todos os periodicos politicos e litterarios, não poderão demorar se nos respectivos gabinetes, mais do que tres dias contados do dia do correio em que os receberam, pois é este o praso sufficiente para que possam ser lidos.

4.º Passado este praso, a philarmônica-mãe terá obrigação de enviar aos estabelecimentos-filhos, mesmo de graça, todas as folhas politicas e litterarias pela maneira seguinte: supponhamos dez estabelecimentos filiaes, v. g., 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10: o primeiro enviará as ditas folhas com demora de 3 dias ao segundo, este ao terceiro, o terceiro ao quarto, o quarto ao quinto, o quinto ao sexto, o sexto ao septimo, o septimo ao oitavo, o oitavo ao nono e este ao decimo: em todos haverá a demora de tres dias excepto a demora dos correio: de maneira que por espaço de um mez afóra os dias da de-

mora dos correios os papeis percorrendo esta eclytica scientifica, derramam a luz da instrucção em partes onde não teria chegado, a não ser por este meio.

5.º Estas folhas para acabarem a sua rotaçào retrocederão do ultimo ponto para o primeiro, isto é, da ultima philarmônica-filha para a philarmônica-mãe.

6.º Os livros de litteratura, poesia, historia e romances, farão o mesmo gyro, mas com demora de 15 dias em cada estabelecimento.

7.º As camaras municipaes serão responsaveis pelo deterioramento ou desperdicio de todos os objectos de leitura.

Desta maneira, sem despeza nenhuma, excepto a da primeira philarmônica, se pôde espalhar a instrucção sem prejuizo do primeiro estabelecimento pois que aquellas folhas politicas e litterarias que passados dous ou tres dias são recolhidas nos archivos onde só constituem uma riqueza dormente, podem revestir se do caracter de cabedaes, e fazendo os serviços d'uma circulaçào instructiva, podem produzir uma riqueza nacional — a instrucção.

M. J. DE ALMEIDA.

## NOVO MODO DE EMPAR AS VINHAS.

Mr. André Michaux acaba de publicar um novo methodo de *empar* as vinhas de uma execuçào, diz elle, mui prompta, facil e economica, duravel, e que acceléra a madureza das uvas: e se é verdade o que affirma o autor, nada mais util para os nossos proprietarios vinhateiros do alto-Douro, Bairrada, e mais sitios, aonde houver vinhas.

Para se pôr em prática este methodo é necessario que as vides estejam arruadas, ou em linhas parallellas, o que mesmo nas já plantadas sem esta regularidade se pôde com facilidade, e em breve tempo, conseguir por meio da mergulhia, e até é mui proveitosa esta disposição, não só porque torna mais facéis os trabalhos que a vinha exige na primavera e estio, mas porque pôde assim um dado espaço de terreno conter maior quantidade de *cepas*.

O methodo enunciado consiste em empregar na *empa* fio ou arame de ferro em lugar de *estacas* ou *chantões*. Arranjadas as *cepas* em linha como fica dito, estende-se parallelo a cada linha um arame de um lado, e outro do outro, sustentados de espaço em espaço por forquilhas, e no fim das linhas deve haver um sarilho de pau, a que prendem os arames; este sarilho serve para conservar os fios constantemente na conveniente distancia um do outro, e para no fim da vindima enrolar os arames afim de se guardarem em casa para outro anno: collocados os arames, depois da poda, atam-se a elles os braços da *cepa*, um a um, outro a outro, e por esta maneira se podem repartir até com symetria: o arame deve ser do que no commercio se vende com o numero 10, e é bom, antes de usar d'elle, fazel o ferver por espaço de meia hora em um banho de betume misturado com o decimo do seu peso de alcatrão, afim de com esta especie de verniz pervenir a sua oxidação; se bem que mesmo sem esta cautella elle dura muito tempo sem soffrer damno, uma vez que não esteja em contacto com a terra. Este methodo, segundo o predito autor, é de muito proveito e economia; 1.º porque o arame, em virtude do seu pequeno diametro, não soffre tanto abalo com as correntes de vento como as estacas, e por isso as vides

vegetam em maior quietação e repouso: 2.º porque o arame pôde durar em uso até 50 annos, e as estacas apenas duram um espaço de tempo incomparavelmente menor; 3.º porque os arames se põem com summa facilidade, e ainda com maior facilidade se tiram, pois basta fazer gyrar o sarilho, aonde elles prendem, depois de soltos nas extremidades oppostas: 4.º porque a disposição e arranjo dos braços das *cepas* sobre os arames, por isso que é feita em um espaço muito maior do que nas estacas, permite que os raios do sol caiam mais livremente sobre todos os cachos, e assim se accelere a epocha, em que devem amadurecer.

Muito estimaremos que a experiencia se faça, e que d'ella se colham as vantagens que o autor inculca, e que diz já se experimentaram em Borgonha, em Champanhe, e em Orleanais.

S. C.

(Industrial Portuense.)

---

#### NA MORTE DE UMA JOVEN.

*Elle s'envola sans alarme.*

A. DE LATOUR. — *La vie intime.*

**D**Enso véu caliginoso  
 Cubriu-te a face de rosa,  
 Offuscou-te negra morte  
 Essa linda còr mimosa.

---

Tua alma, do mundo até hoje,  
 Sobe agora ao paraizo,  
 Entra já divina estancia,  
 Transpondo-a com um sorriso.

Das virgens foste a mais pura,  
Fôste emblema da virtude,  
Em quanto andaste na terra,  
Quiz imitar-te e não pude.

Mas agora que és dos anjos,  
Mas agora que és do céu,  
Purifica-me este peito . . .  
Não t'esqueças que era teu! . . .

J. MARCELLINO-MATTOS.

### Canção.

*Versão livre do inglés.*

Manço, e manço passai, suaves brisas,  
Pelo meu Edui, que está dormindo  
Sobre a plaga arenosa,  
Manças passai por elle, suspirando,  
Como as ondas do mar, que vem beijal-o  
Com sonoro suspiro.

Sobre elle desfolhei purpureas rosas,  
E cubri-o de ramos, e de flores,  
E verdes espadanas . . .  
Como o teu somno é longo! . . . Ob! abre os olhos!  
E volve aos braços meus, e deixa o leito  
Arenoso da praia! . . .

Como o teu somno é longo! . . . E dorme ainda!  
E tem cerrados os formosos olhos,  
E o rosto frio, e pallido,  
Como no ceo a lua descorada! . . .  
Parece estatua d'anjo, que na plaga  
As ondas arrojaram . . .

Doce illusão porque te desvaneces! . . .  
O meu caro Edui jaz alli morto.  
E eu quero o mesmo tumulo:

Quero que as ondas, que aqui vem carpil-o,  
C'o mesmo beijo affaguem carinhosas  
Nossos labios unidos.

HENRIQUE ROBERTO RODRIGUES.

### O IMPIO Á HORA DA MORTE.

JÁ que a morte está presente, volte-  
mos os olhos á vida passada. Mas ai de  
mim! que ella foi de longos annos, e  
cada momento são negras paginas em  
que se achia escripta a historia medon-  
ha das minhas impiedades.

Ao destolhar de cada pagina appa-  
rece-me o monstro do Atheismo, vomit-  
tando o fumo pestilento da corrupção  
e dos crimes! Quanto mais revolve,  
uma densa nuvem de sacrilegios e blas-  
phemias me vem perturbar o ultimo so-  
cego d'alma! A obra miraculosa do  
universo era filha do acaso, as imagens  
venerandas dos templos eram para mim  
objecto de escarneo, a preciosa victima  
do Calvario era o symbolo da impostu-  
ra! cuspi-lhe na face e neguei-lhe a  
obra da redempção! combati todos os  
attributos da magestade eterna!

Van philosophia! que te larguei as  
redeas e combateste-me a verdade da  
minha salvação!

Agora que me vejo entre a existen-  
cia e o nada, e que este me vence,  
mysterio impenetravel! as minhas peri-  
gosas concepções esvaem-se ante a eter-  
nidade! Uma noite sem aurora aproxi-  
ma-se para me amortallar em o negro  
manto do eterno esquecimento, os rou-  
cos bronzes dos campanarios d'aqui a  
pouco darão o signal funebre para que  
a tumba venha receber o cadaver do  
impio! Santo Deus, acudi-me n'este  
momento de agonia; o sepulchro me  
vence! vencer-me-has, serei teu captivo  
até á consummação dos seculos; mas

minha alma peccadora subindo nas azas do mysterio irá bater ás portas do alçar da gloria pura, immortal, e ahí ouvirá o terrivel julgamento da eternidade.

Maldita impiedade!

M. J. DE ALMEIDA.

---

### CHRONICA.

No dia 15 de junho proximo passado, diz um jornal francez, caminhou-se pela primeira vez pela linha directa de Paris a Bruxellas, por Valenciennes. Celebrava-se naquelle dia em a capital da Belgica a inauguração do caminho do Norte. Centenares de individuos saíram ás oito horas da manhan da enseada de Paris e chegaram ás nove e meia ao baile de Bruxellas, pela grande enseada do Norte: foram saudados com gritos de alegria por uma população immensa, que via assim realisar-se de um modo brilhante as maravilhas prometidas pelas novas vias de communicação. Duzentas ou trezentas pessoas saíram pela manhan de Paris para irem á noite dansar a Bruxellas!!

Tratava-se na Inglaterra de inaugurar uma estatua de marmore de Walter-Scott, no dia 15 do passado mez de agosto, anniversario do nascimento do insigne romancista.

E de presumir que fosse levado a effeito este projecto louvavel.

A escravatura na China está já muito suave e restricta. O imperador acaba de melhorar a sorte dos escravos por meio de um edicto recente. Os senhores não lhes podem infligir supplicio nenhum;

são obrigados a sustental-os, a vestil-os e a vigial os, e não os devem obrigar a trabalhar senão certas horas por dia.

Entre as diversas disposições que encerra o edicto, sobresae uma que merece ser particularmente observada: o senhor é obrigado, quando o escravo chegar á idade da puberdade, e pertender casar, a procurar-lhe uma mulher, se elle fôr do sexo masculino e *vice versa*, se fôr do feminino, e a fazer proceder á cerimonia do casamento, segundo as leis do estado. Se o senhor se negar á satisfação d'esta obrigação expressa, será castigado com penas severas, e o seu escravo ficará livre no mesmo instante. Poz-se em execução este edicto em todo o imperio no mez de janeiro passado.

J. MARCELLINO-MATTOS.

---

### MAXIMAS.

Pequenos erros que no principio não se sentem, são mais porigosos que os grandes, que se veem, porque o perigo que se entende, obriga a buscar o remedio; mas os erros que se não sentem, ou dissimulam, crescem tanto, pouco a pouco, que quando se advertem já não tem remedio.

VIEIRA.

Todo o accusado deve presumir-se innocente. Maxima sublime de indulgencia de que todos se deveriam penetrar.

E. SUE.

---

### ERRATA.

Em o n.º 2.º a pag. 12. col. 1.º onde se diz — fazem parar o pro-consul — leia-se — fszem parar o primeiro consul.

## Amizade de dois republicanos.

## ROMANCE.

AO MEU AMIGO M. J. DE ALMEIDA.

## I.

## A MÃE E O AMIGO.

— Não, meu filho, não deixarás essa tristeza em que andas mergulhado ha tanto tempo, não a deixarás ao menos hoje, hoje que é um dia grande, santo, o anniversario do nascimento de teu pae?

— Tristeza! oh! minha mãe, nem eu sei se ando triste! sinto em mim um não sei que de indifferente — não posso distinguir entre a tristeza e a alegria! tudo me aborrece — tudo...

— Tudo! Guilherme, acudiu madama Courtin! enganaste, meu filho — conheço a fundo a tua alma, é bem formada. Ha no mundo tres entes que te são caros, e que tu de certo não aborreces. O primeiro é tua mãe, o segundo Eduardo, o terceiro...

A estas ultimas palavras rebentaram copiosas lagrimas dos olhos do mancebo. A mãe comprehendeu a dôr do filho, e tractou de socegal-o.

— Escuta, Guilherme, continuou ella. — Não fallemos mais n'essas coisas. Mas dize-me, tencionas hoje vir á sala do baile, para que já convidei todos os antigos amigos de teu pae?

— Por em quanto não prometto, minha cara mãe. Eu não devia, bem o sei, escusar-me a um dever de civilidade, porém... á noite decidirei.

E assentou-se em uma poltrona junto a uma estante de livros.

— Vaes estudar, não é assim? perguntou madama Courtin ao filho.

Vol. I. Serie I.

— Comecei hoje, respondeu Guilherme, pegando em um livro, a lêr a historia de Cromwell — acho a muito interessante, e desejava concluir uma leitura tão util.

— Pois fica ahí em quanto eu vou dar as ordens necessarias para celebrarmos com pompa e religião o anniversario do nascimento de meu marido.

E saiu.

Apenas tinha fechado sobre si a porta da sala — quando Guilherme já estava engolphado na leitura da historia.

Absorto na contemplação do grande genio inglez que appareceu e morreu alumando sobre a Gran-Bretanha, como um metheóro, aquelle mancebo remontava ao seculo dezasete em que os tres reinos unidos estavam lacerados pelos muitos partidos e facções que os dividia.

Quando chegou á pagina horrorosa da morte do rei, saiu-lhe do peito uma phrase involuntaria:

— Mas Cromwell tambem foi absoluto.

— Não só Cromwell, mas tambem Napoleão foi absolutista! disse uma voz conhecida.

Guilherme olhou e viu um homem abrindo a porta da sala e dirigindo-se para elle. Era Eduardo, o seu amigo.

— Meu caro amigo — disse Guilherme com transporte, bem vindo sejas. Ha muito que sentia a indifferença apoderar-se-me do espirito; — procurei distrair-me com Villemain, mas não pude...

— Se querias distrair-te, respondeu Eduardo, não deveras de revolver essas paginas em que a liberdade finge apparecer involvida nos andrajos da realeza. Lanças mão d'esses escriptos gregos, aonde poderias contemplar o republicanismo em toda a sua elevação.

E ao ouvir estas derradeiras pala-

vras verteu uma lagrima o joven Guilherme.

— Queres saber, continuou Eduardo, queres saber como eu passo alegre os dias que deveriam de ser para mim tristes e soturnos: á noite quando toca o *Angelus* encerro-me no meu gabinete, revolvo as obras dos grandes escriptores da antiguidade, acompanho-os com a imaginação desde os tempos primitivos até ao triumpho da democracia. Fazendo então applicação d'aquellas edades de ouro com os nossos tempos de corrupção assoma-me aos labios um sorriso de desdem, contemplando as instituições bastardas do seculo!

E ao proferir estas palavras Eduardo olhou novamente para o seu amigo e divisou-lhe uma lagrima a desprender-se-lhe dos olhos.

— Então choras, Guilherme, lhe disse elle?

— Não faças caso, respondeu este. É um tributo devido ás cinzas d'essas eras que já lá vão.

E continuou o chorar.

— Deixemo-nos d'estas ideias tristes, disse Eduardo. O passado não pôde tornar a ser o que foi — e nenhum homem é superior ao seu tempo.

Se um dia a França republicana repellir do seu gremio os futuros Napoleões, se acolher sómente a virtude, a coragem e o desinteresse — não mais seremos escravos de consules por toda a vida! os ferros da escravidão vel-os-has quebrados em toda a Europa... e os francezes ensinarão ao mundo inteiro como se adquire e mais ainda como se conserva a liberdade! Esses tempos não veem distantes: se não formos nós hão de ser os nossos filhos que hão de sacudir o jugo da tyrannia. Se os tres dias de julho ainda não amostraram claramente ás testas coroadas que é do povo que recebem a soberania; se o troar dos fuzis populares ainda não

echoaram nos salões das suas orgias; breve ha de chegar a epocha em que elles teem de combater uma arma poderosissima, a que se não pôde resistir. A civilisação ha de ensinar aos povos a governar-se por suas proprias mãos...

— Fôra já hoje! disse com voz sumida o pobre Guilherme.

— A estrella polar da nova existencia dos povos já começa de fulgurar no horisonte!... Esperemos pelas luzes incertas do crepusculo, que apoz ellas virão os raios fulgurantes do sol descuberto...

— Chymeras que nos illudem, respondeu De Courtin. Tambem meu pae esperou por esse tempo, e a loisa do sepulchro veio apagar-lhe no peito esse raio de esperança. O mesmo terá de acontecer-me. Sinto-me desfallecer cada vez mais á vista das iniquidades que se praticam hoje... e o que mais preza o homem, é isso o que lhe roubam com mais descaramento.

— Ah! disse Eduardo: fallas de Julia!

— Oh! sim, respondeu o mancebo com transporte. As instituições de hoje e os costumes do seculo é que me hão de cavar a sepultura...

A estas palavras Eduardo tirou da carteira um bilhete de convite para baile e anostrou-o a Guilherme que pegou n'elle e leu:

« Madama Complay — rua de João-Jacques Rousseau numero tres — ás 8 horas da noite. »

— E vâes lá, perguntou elle.

— Na tua companhia, respondeu Eduardo.

— Irei, se lá fôr...

— Sei que vâe com certeza, disse rapidamente Eduardo.

— Hoje tambem temos em nossa casa um soirée: é o anniversario do nascimento de meu pae defuncto. Promettes vir, Eduardo?

— Sem falta.

Poucos minutos depois saiu Eduardo e Guilherme foi ter com sua mãe ao andar superior, mais tranquillo do que no principio da manhã, com o espirito mais desafrontado, porque lhe fallaram em Julia: — prometteram-lhe vê-la, vê-la ainda uma vez, antes de se abrir um abysmo profundo que devia sorver-lhe todas as suas esperanças, o seu porvir inteiro.

## II.

### PRIMEIRO SOIRÉE.

Batiam nove horas da noite em a cathedral de Paris, e o som do bronze repercutindo-se por toda a cidade veio acordar De Courtin do estado lethargico em que o mergulhára a sua tristeza habitual. Alevantou-se de um sofá aonde passára algumas horas a pensar na sorte futura que o esperava: passeou pelo quarto, com passos desiguaes, e como phrenetico... O que motivava aquella allucinação de espirito? O que lhe desvairava a cabeça? Um mancebo de vinte e dois annos, bello, rico, instruido, querido de uma mãe terna, estimado de centenaes de amigos... parece que devia de passar os dias e as noites com o coração tranquillo, com o sorriso sempre nos labios, com os olhos sempre a dardejarem raios de alegria. Assim devêra de ser, se a felicidade só consistisse no gozo dos bens materiaes; — assim devêra de succeder se o sublime não fôra a esperança, a illusão, a vida de uma alma bem formada.

Porém Guilherme educado em um collegio livre da Suissa republicana lá foi aprender a desprezar o fausto; as grandezas e o luxo eram para elle os symptomas certos da decadencia das familias e das nações. Passando os primeiros annos da infancia em casa do

páe, Guilherme recebeu do autor de seus dias uma educação austera. Roberto De Courtin era um d'esses antigos officiaes do exercito francez que foram buscar ao Oriente as perolas mais preciosas para o diadema republicano. A conquista do Egipto e do baixo-Reno amostraram ao velho guerreiro que era mister educar os filhos da França na grande escola das privações. E todavia não quiz que seu filho seguisse a carreira das armas: estava intimamente persuadido que os paizes livres devem mais ao bico da penna do que ao fio da espada... A séde dos desertos, a fome dos acampamentos asiaticos, todas as privações que havia soffrido por uma palavra indefinivel, mas grande, omnipotente, santa — pela liberdade do mundo — fizeram-n'o persuadir, mais tarde, que a lamina da espada verga ao magico poder da tyrannia, e que a penna jámais deixou de ser temida e respeitada pelos oppressores da humanidade. Destinou Guilherme á vida das letras.

O joven De Courtin foi pois entregue aos cuidados de um padre suizo, de quem recebeu as primeiras impressões da religião christan, que poucos annos depois tão grande conforto lhe prestaram. Estudou historia, poezia, e geographia. Quando chegou á idade de dezasseis annos, e na epocha em que o seu talento excitava a admiração dos mestres recebeu uma carta da mãe, em que lhe noticiava a morte de seu páe. Este acontecimento desastroso e tão imprevisito obrigou-o a deixar a Suissa e a voltar a Paris, aonde o chamava o amor maternal.

Alli, sempre ao lado de uma terna mãe, e gozando uma fortuna bastante consideravel, não fazia outra coisa mais do que estudar. Cursava mathematica.

Corriam os dias e os mezes n'esta monotonia agradavel — sem que madama Courtin communicasse ao filho os

derradeiros avisos que lhe escrevera o pae na hora da morte.

Um dia, quando foi mister a madama Courtin abrir uma papeleira, aonde costumava escrever seu marido, pôde Guilherme ver em uma gavetinha o retrato do pae; pegou n'elle, beijou-o mil vezes, uniu o retrato com o coração e verteu copiosas lagrimas. Oh! era muito para uma alma sensível como a da viuva de Courtin!

— Meu filho, disse ella, pegando-lhe na mão, vem cá; tu és digno de um futuro brilhante. Desculpa uma fragilidade do meu sexo, se até hoje te occultei uma carta que teu pae escreveu á hora da morte para te ser entregue por mim só. Eu quiz primeiro estudar o teu modo de pensar depois que saíste da França; assim m'o ordenou teu pae — Se a religião e a liberdade tiverem penetrado aquella alma joven, entrega-lhe os meus últimos conselhos; se pelo contrario amostrar indifferença n'estas duas molas que sustentam o edificio social — sirva esse thesoiro de pasto ás chammas. São as palavras que teu pae me pediu te dissesse, quando estava para finir-se.

E ao dizer isto correram as lagrimas pela face macilenta, mas alegre, da boa mãe.

Guilherme interneeceu-se tanto com aquellas expressões do pae que não pôde esperar mais tempo e pediu com instancia á mãe que lhe entregasse o precioso legado.

Passára-se esta scena alguns mezes antes da noite em que o joven De Courtin estava encerrado no seu gabinete, como dissemos no principio deste capitulo.

O mancebo pertendia observar á risca todos os conselhos que lhe legára um pae moribundo: os preceitos que lhe elle impunha eram para aquella alma terna e docil o que o decalogo é

para os christãos: havia porém na memoria do pae uma luhá que feria pela raiz o desejo mais intimo da sua alma — *Despreza Julia de Sain* — era a primeira coisa que Roberto De Courtin pedia a seu filho

Foi d'esde o primeiro dia em que Guilhermé leu a memoria do pae que jámais assomou um raio de alegria áquelle rosto desbotado. Aborrecia-lhe tudo, sentia o vazio da indifferença apoderar-se-lhe da alma; só os livros é que lhe prendiam a attenção. Ordinariamente permanecia longas horas silencioso e triste — sem querer receber ninguem, á excepção de Eduardo, o seu companheiro dos brinquedos da infancia, seu collega na universidade e o depositario dos seus segredos mais intimos. A mãe sentia que o filho caminhasse d'aquelle modo lentamente para a sepultura, bem se esforçava ella por saber qual o motivo de tão grande abandono, mas não lhe arrancava senão palavras sem nexo... Era-lhe pois impossivel comprehendel-o...

N'esta noite pois tinha ella convidado algumas pessoas da amizade da sua familia para celebrarem o dia do nascimento do defuncto De Courtin com religião e piedade, e esperava ella que seu filho apparecesse no soirée.

Eram pois nove horas da noite, e a sala do baile estava toda cheia de damas e de cavalheiros.

Madama Courtin mandou chamar o filho para vir ajudal-a a fazer as honras da casa.

N'este meio tempo o trotar de um cavallo já mui proximo da casa despertou a curiosidade de Guilherme; quando descia a escada que conduzia do terceiro ao segundo andar ouviu uma voz bem conhecida chamando pelo seu nome ao fundo da escada do primeiro andar.

— Váe receber o senhor Eduardo

Fleyer, disse elle ao criado que o fôra chamar ao seu quarto.

E em poucos minutos apertaram as mãos os dois amigos e entraram na sala do baile.

Assentaram-se um ao pé do outro. Eduardo extendia com vivacidade os olhos pela sala, e Guilherme fazia o mesmo; aquelle porém achava incanto a uma reunião, aonde se lhe offerencia occasião de contemplar o caro objecto dos seus intimos anhelos, e este sómente sentia o prazer de fazer a vontade ao seu amigo e á mãe, que lhe pediram que apparecesse no baile para celebrar o nascimento do pae adorado.

Eram bem differentes n'aquelle momento estas duas almas que se comprehendiam e casavam completamente. Um tinha os sentidos prêsos ao recinto de uma sala, o outro esvoaçava lhe a alma pela amplidão do espaço. Eduardo sorria ao contemplar a sua amada que via alli bella como a rosa de maio; — Guilherme sorria apenas por comprazer ás galantarias importunas de uma dama.

Passada uma hora, quando estavam todos entretidos na dansa, Guilherme que se escusára de o fazer por indisposição de saude, alevantou-se e dirigiu-se a uma sala contigua. Dirigia-se para a janella, quando viu sobre uma meza uma carta sobrescriptada para sua mãe. Como estava aberta leu-a. Era madama Sain pedindo desculpa de não ir celebrar aquelle dia com a viuva e com os amigos de mr. Courtin.

— Ah! exclamou Guilherme! bem o presentia eu. Até me quer roubar a felicidade de vêr Julia em minha casa...

De repente foi interrompido no seu monologo por Eduardo que lhe bateu no hombro. Vinha acompanhado de madamoiselle \*\*\* receber ar á janella do jardim.

— Queres saber, disse elle a Gui-

lherme, que madama Sain tenciona ir viajar á Suissa na companhia da sua filha? Disse-m'o agora esta senhora.

— Certificaes-m'o? disse De Courtin com interesse á dama.

— Sem duvida nenhuma, respondeu a amante de Eduardo. Por todo este mez tenciona deixar Paris, e talvez que não volte aqui senão para celebrar o casamento de sua filha com o joven barão de \*\*\* que a deve acompanhar.

Apenas ouviu estas palavras, Guilherme sentiu um vagado apoderar-se-lhe da cabeça. Caiu desfallecido em uma cadeira: o seu amigo foi immediatamente chamar alguém, em quanto que a joven \*\*\* o amparava na cadeira. D'ali a pouco levaram-n'o para a cama, aonde adormeceu, depois de Eduardo o fazer tornar a si por meio de confortos salutaes.

(Continuar-se-ha)

J. MARCELLINO-MATTOS.

## O AMOR SOB O PONTO DE VISTA DA HYGIENA.

**Q**omeçou o mundo e com elle nasceu o amor. O tumulo do universo ha de ser tambem a sepultura d'este nobre sentimento. O interesse que elle inspirou aos nossos avós ha de ser o mesmo que os vindouros lhe acharão. O reinado do amor ha de prolongar-se pela vida successiva das gerações futuras, essa é a missão que lhe compete, foi Deus quem lh'a incumbiu!

Morrem os individuos e as raças não morrem! uma juventude eterna, sem fim, é a deliciosa quadra do universo! E o amor é a causa unica d'esta maravilha espantosa.

A natureza, produzindo seres organicos, promulgou para si mesma a lei

severa de não deixar fenecer a sua obra grande — determinou aos animaes de todas as especies que, chegados á época do seu desinvolvimento physico, concorressem para o nascimento de seres seus semelhantes; — impoz-lhes a obrigação de se reproduzirem.

O amor, paixão branda, umas vezes, outras feroza, faz operar na economia animal modificações profundas. Delicias que arrebatam, padecimentos que pungem lá vão buscar sua origem.

A inconstancia de character é um dos attributos do amor. O amor varia segundo os individuos e as circumstancias.

Conservar a saude, suavisar e embellecer a existencia, eis a missão augusta do amor venturoso. Precipitar a morte, cavar a sepultura, é o resultado terrivel do amor violento.

A primavera é a quadra mais favoravel para o amplexo dos sexos: um calor vivificante cõa pelas fibras do coração dos animaes o sentimento generoso. Superior á intemperie das estações, o homem, rei da criação, alcança por meio de sua industria gozar as delicias do amor nos dias abrasados do estio, não só nos gelados e soturnos do inverno. A formosa princeza do anno pouco inflúe no amor dos homens: os raios animadores de um sol de março convidam a amar o cantôr dos bosques e o habitador das lapas.

Não são, todavia, os climas frios que mais excitam esta paixão: nos paizes quentes desinvolve-se com maior rapidez; porém as regiões temperadas são muito propicias ao dom celestial.

A mulher, porque é mais sensivel que o homem, é por isso mais terna e amorosa do que elle. A juventude é tambem a quadra da vida em que o amor impéra mais. A idade adulta quasi que desconhece as suas delicias. A illusão só fascina a mocidade.

E á proporção que se desinvolvem os orgãos genitales, cresce o amor. A sua influencia reflecte-se ao mesmo tempo nos dois sexos.

Quando um fluido novo espanta o homem e a evacuação mensal faz córar a mulher, mysterioso phenomeno! uma sympathia irresistivel, como a do ferro para com o iman, attráe os dois sexos mutuamente.

A marcha natural d'esta paixão, se não fôra o imperio das conveniencias sociaes, começára por desejos vagos, por uma languidez terna, absorvendo os sentidos e acabaria pela embriaguez da voluptuosidade, rasgando o véu da natureza . . .

Na historia, porém, do amor desenrolam-se paginas bem tristes, bem dolorosas. Quantas vezes o mancebo ou a joven de quinze annos não têm de tributar essa obediencia passiva, devida aos páes, protraindo assim o instincto particular que a impelle a fugir o objecto aborrecido! quão raros são os laços de hymeneo que unem dois peitos que palpitam um pelo outro!

D'aqui a distincção entre amor feliz e amor desgraçado. Os seus effeitos são bem differentes.

O amor feliz, ou que espera de sel-o, diz mr. Rostan, derrama por toda a economia animal um calor benefico. Assoma ao rosto do ser ditoso o rubôr da ventura. O sorriso nunca se lhe desprega dos labios. Os olhos estam sempre humedecidos e brilhantes, o olhar é meigo, vivo ou languido: é suave o timbre da voz: quando vê ou pensa no objecto amado bate o coração nas cavernas do peito; o pulso está agitado, a respiração livre e entrecortada sómente por ternos suspiros; parece que a natureza quer metamorphoseal-o em um ser novo, interessa-se pela sua saude. Tambem partilham na actividade geral as faculdades mentales: os pensa-

mentos do amante são ricos, são variados: a sua linguagem animada, é eloquente e persuade. O amor é, porém, violento; todos os órgãos são dominados pela perturbação e pela desordem; a circulação é desigual, a respiração ansiosa, a digestão demorada, e a acção dos sentidos interrompida. O amante não tem se não um pensamento que lhe germina em o espirito — é o objecto querido. Sentir, silencioso e immovel, eis a sua vida. O universo com todas as suas maravilhas fica muito áquem do idolo adorado. A affeição generosa que o subjuga fal-o persuadir de que a gloria e a felicidade devem de ser um exclusivo do ente que presa — o egoismo é-lhe odioso. Intelligencia, patriotismo e gloria são os ricos presentes do amor: para desinvolver talentos, practicar virtudes é elle não poucas vezes um forte incentivo. Quantas almas timidas, fracas e viciosas não eleva o dilirio amoroso até á coragem, ao genio e á virtude? A harmonia dos órgãos é, finalmente, a consequencia mais proveitosa do amor feliz.

Pelo contrario o amor desgraçado desbota as côres do rosto, e substitue esse attractivo incantador por uma palidez sem fim: lagrimas e lagrimas escorregam bastantes vezes de uns olhos apaixonados e ternos; a intelligencia e os sentidos perdem a faculdade de funcionar porque ha um pensamento unico a dominar o espirito. Tudo o que rodeia o ente infeliz é-lhe importuno, desgosta-o. A solidão, apenas, offerece-lhe mesquinhos attractivos, e a inacção é que o deleita alguma coisa; os seus membros lassos não pôdem supportar fadigas. Foge-lhe o somno, e se ás vezes dormita, assalta-lhe o espirito uma alluvião de sonhos terriveis. O timbre da voz torna-se doloroso, e move á compaixão: a digestão é demorada, desigual a circulação, a respiração

suspiriosa, a região precordial está de continuo dominada por uma dôr muito forte. E a magreza apoderando-se do infeliz, e gastando-lhe gradualmente a existencia atira com elle ao sepulchro, aonde váe fiudar o seu padecer.

J. MARCELLINO-MATTOS.

---

O MEU SEGREDO. (\*)

**M**eu segredo, meu segredo  
 Não te revelo a ninguém,  
 Já soffri dôres de morte  
 Das bellezas, que outro tem,  
 E clamei, pedi soccorro,  
 Sem que m'accudisse alguem.

---

Onde vás, oh minha vida,  
 Ai, triste de ti, coitada!  
 Olha que os anjos do ceo  
 Da terra não querem nada,  
 E tu, pobre, sem ventura,  
 Ficarás abaudonada.

---

Quem te dê meigo suspiro  
 Nem se quer hasde encontrar,  
 Quem vá sobre o teu jazigo  
 Doces lagrimas chorar,  
 Ou raminho de cypreste  
 Sobre ti vá desfolhar.

---

E depois que o rijo tempo  
 Sobre ti passar irado,  
 Tristes goivos, verde musgo

---

(\*) Offerecido a redacção.

Testemunhas do teu fado  
Dirão ao triste proscripto  
= Eis ahí um desgraçado =.

Foge, foge, minha vida,  
D'esse gesto encantador,  
Outro virá que o gose,  
Que o gose com mais sabôr,  
Outro, p'ra quem elle vive,  
A quem o destina amôr.

Se te namoram seus olhos,  
Procura vel-os irados;  
Se é o nacar de seus labios,  
Imagina-os descorados;  
Se são d'elle as graças todas,  
Meus conselhos são baldados.

« E tudo quanto era seu  
« Minha vida captivava,  
« Era o gesto, era a voz,  
« Era a graça, com que andava;  
« Era tudo quanto ha bello,  
« Quanto n'elle eu admirava. »

Março 6 — 1843. A C.

*Da physica divertida de Fontenelle  
copiamos as seguintes experiencias  
recreativas.*

*Fazer ouvir a um surdo o som de um  
instrumento de cordas.*

Este instrumento deve ter o braço  
comprido como uma guitarra ou um  
alaúde: quando se pertender que o sur-

do ouça os sons, deve fazer-se-lhe cra-  
var os dentes no braço do instrumento:  
assim que este se toca penetra o som na  
bôcca e de lá passa ao órgão do ouvido  
por meio de um boraquinho que temos  
no paladar.

*Os quatro elementos.*

Tomae um tubo de vidro do tama-  
nho de um dedo, cuja extremidade,  
tomada hermeticamente, esteja soldada  
a um pé; este tubo é marcado em cinco  
divisões eguaes. Introduz-se-lhe mercu-  
rio até á altura da primeira marca; uma  
solução de carbonato de potassa até á  
segunda; aguardente até á terceira, a  
que se dá uma côr azulada; a essencia  
de tobentina córada até á altura da quar-  
ta. Tomadas estas disposições tápa-se á  
alampada esta extremidade do tubo.  
Agitando-se, misturam-se todos estes  
licôres, e a mistura representa o cáhos.  
Por meio do repouso cada uma d'ellas  
se sepára e sitúa segundo o seu peso  
especifico, de maneira que a superior  
que é incarnada representa o fogo, a se-  
gunda o ar, a terceira a agua, a quarta  
a terra.

*Gravar em relevo a casca de um ovo.*

Escolhei um ovo de casca grossa,  
lavae-o bem, alimpae-o, e deixae-o se-  
car; escrevei ou desenhae em cima  
d'elle com uma penna nova e com gor-  
dura derretida, em vez de tinta, o que  
quizerdes; mettei o ovo em um cópo  
cheio de vinagre branco ou de acido  
sulphurico, diluido em agoa: passadas  
trez horas, retira-e-o e lavae-o em agoa  
fria.

N'esta experiencia o acido atacando  
o carbonato da cal da casca do ovo, e  
achando-se em acção sobre as partes  
da gordura, devem estas apparecer em  
relevo.

## Amisade de dois republicanos.

Continuado de pag. 29.

## III.

## A MÃE E A FILHA.

**M**adamoiselle de \*\*\*, a terna amante de Eduardo Fleyer saíra do baile pouco depois do acontecimento de Guilherme. Dirigiu-se á sua morada na rua de João-Jacques Rousseau. A casa que habitava ha muitos annos com sua mãe e com uma thia paterna era contigua á de madama Sain. Julia, a filha d'esta consagrava uma terna amisade, uma affeição instinctiva á companheira da sua meninice; e como sabia de vespera que a sua amiga fôra convidada para o soirée em casa de Guilherme, escreveu-lhe logo pela manhã uma carta a saber noticias do amante.

Madamoiselle de \*\*\* narrou-lhe circumstanciadamente tudo o que succedera em a noite, assim como o estado de abatimento e de indifferença espantosa em que elle se achava ha tempos, o que lhe havia communicado Eduardo no momento do desmaio de Guilherme.

Recebeu a resposta da sua amiga, leu-a a primeira vez sem se alterar, e quando a passou pelos olhos segunda vez, como para se certificar bem do que lhe diziam a respeito de Guilherme, poz-se a rir ás gargalhadas.

Parecia-lhe incrivel que não amando ella o joven De Courtin com a mesma paixão que lhe elle dedicava, podesse succeder-lhe uma alteração tão grande na saude.

Na verdade quando um homem ama apaixonadamente uma menina de quinze annos; — uma menina franceza, que

reune ás graças e encantos da belleza, os attractivos de uma imaginação viva e de uma perspicacia atilada; quando se casa a harmonia das formas com a harmonia do espirito, o homem sensível não póde ser senhor de si — ha de forçosamente sentir a força da sympathia arrastal-o para o objecto adorado. A despeito de si mesmo, a despeito de tudo, embriaga-se o amante com a doce illusão de um futuro brilhante, embora o presente lhe não offereça mais do que um quadro de tristeza e de desgostos.

Assim acontecia a De Courtin. Embalado, por assim dizer, no mesmo berço de Julia, já desde tenros annos ardia n'aquelle peito o fogo da sympathia que um dia havia de dar logar a uma expansão desesperada. — Essa época dolorosa estava porém mui longe ainda, e o desgraçado não sabia senão amar aquella de quem outr'ora fôra estimado, mas que hoje lhe dirigia apenas algumas palavras ditadas por um amor indifferente. Assim mesmo, senão fôra a paixão que nutria n'alma por Julia Sain talvez que o profundo conhecimento que tinha adquirido dos homens e do seu seculo ha mais tempo lhe tivera amostrado que o seu porvir estava semeado de espinhos. — Quanto póde uma illusão! Era verdadeiro o seu amor, julgava que o de Julia não era menos fogoso.

Julia, da sua parte, quiça não fôra tão culpada no padecer do mancebo se a mãe lhe não desviara a inclinação que a impellia para Guilherme. Porém madama Sain era uma d'essas viúvas entusiastas que se persuadem tributar grande respeito ás cinzas do marido em não libarem a sua politica. Fôra absolutista seu esposo, morrera em 1830 ao lado de Carlos X.; ella não queria de modo nenhum unir Julia com o filho de um republicano, que servira

o primeiro consul com dedicação extrema. De mais o joven De Courtin era simplesmente De Courtin, e o seu orgulho demasiado exigia brazões, sangue *nobre*, pergaminhos. Era o que sua filha não podia esperar de um obscuro estudante da universidade. Conhecendo pois que o affecto da joven para com Guilherme crescia cada vez mais tratou de reduzir as visitas que costumava fazer a casa da viuva De Courtin, e a tornar esquecido o objecto da paixão de Julia.

Esta, pela sua pouca idade, soffreu custosamente as primeiras demonstrações que a mãe lhe dera do desgosto que tinha em que ella fosse um dia a esposa de Guilherme. Porém como já lhe não era possível fallar como d'antes com o seu amante a toda a hora, a todo o instante, foi esquecendo pouco a pouco os primeiros mezes de felicidade pura, em que Guilherme lhe vinha cantar junto ao piano as modinhas suíças que aprendêra no collegio. Não mais se recordou d'essas bellas noites em que assentados um ao pé do outro em um banco de pedra do jardim casavam as suas vozes e formavam uma harmonia completa nos pensamentos, no sentir, não só na voz.

Aquella alma inconstante já se não lembrava dos juramentos que jurára ao terno amante de se unir com elle ainda mesmo contra vontade de sua mãe.

E o louco acreditara n'aquellas palavras meigas que lhe embriagavam a alma!

Julia ria pois ao ler a carta de madamoiselle de \*\*\*.

— Ora está! disse ella com desdem e dobrando a carta: Guilherme doente por minha causa! mas o que espera elle de mim para sacrificar-se d'este modo; foi bem grande o amor que lhe inspirei...

— Não foi o amor, foi a loucura que se lhe apoderou do espirito, disse a mãe da joven que acaba de entrar no quarto da filha.

Julia escondeu a carta de repente, pegou em um véu que tinha sobre uma commoda, e poz-se a bordar.

— Sois vós, mamã? disse a menina com voz mal segura.

— Eu mesma, disse a mãe. Venho ter contigo para pedir-te uma graça, que se m'a fizeres heilde redobrar a amizade que te consagro.

— O que me pedirás a mamã, que lle eu não deva fazer? disse a joven poisando o trabalho.

— Se quizeres, pôdes.

— O que é? disse vivamente a donzella.

— Esquecer para sempre esse maldito De Courtin.

A esta palavra brilhou uma lagrima nos olhos meigos de Julia. Ia a fallar, mas os suspiros embargaram-lhe a voz na garganta.

— Responde, minha filha, contintou a ardilosa Sain. Não tenhas pejo de confessar-me que o tens continuado a brincar com a tua affeição; eu sei o cuidado que tens, mau grado meu, de lhe deixar ainda um raio de esperança...

— Oh! minha mãe! respondeu a donzella com exaltação. Se me concedeis a faculdade de abrir-vos o meu coração, só vos posso dizer que não sei o que presinto dentro em mim: de um lado apresenta-se-me o companheiro da minha infancia, implorando-me um pouco de amor; de outro a exigencia de uma carinhosa mãe que...

— Desterra, desterra de ti esses presentimentos que não fazem senão obstruir a carreira brilhante que vae conduzir-te ao grande mundo. Guídei que já tinhas banido do pensamento a imagem d'aquelle devasso: enganei-me.

Porém hoje ainda é tempo de te arrenderes do passado e de te lançares nos braços do futuro. Alembra-te que o barão de \*\*\* era teu avô, que o fundador da nossa familia foi duas vezes representar a pessoa do monarcha francez junto ao gabinete de Berlim. O cardeal de \*\*\* ufana-se de descender da nossa familia. A nossa historia genealogica é fertil em nomes grandes...

A' proporção que a matreira Sain ia assim desenrolando com orgullo aristocratico as paginas antigas dos seus velhos pergaminhos, Julia amarrotava dentro do bolsinho a carta da sua amiga.

E a velha proseguiu:

— Minha cara Julia: bem sei quanto custa dar de mão ao primeiro amor; porém é mister resignares-te a isso. A tua união com De Courtin faria com que nós, familia nobre, nós, descendentes de sangue illustre tivéssemos de ver-nos desterrados para essa sociedade de segunda ordem, aonde a tua belleza e os teus talentos vegetariam apenas sob uma atmosphera opaca e sob um sol de trevas...

A estas palavras, Julia chegou á janella que deitava para o jardim, e lançou a mão esquerda da parte de fóra.

A mãe continuou:

— O que diria o visconde de A... o conde de C... esses nossos parentes nobres, se te vissem unida com um estudante desconhecido, com o filho de um republicano?

Mal tinham sido proferidas estas palavras, quando Julia, com rosto sereno, e o desdem nos labios se debruça na janella, rasga a carta, e atira com ella ao jardim feita em pedaços.

— Então, Julia, continuou dizendo a aristocratica sexagenaria, responde-me: se uma paixão indiscreta não traiu ainda o sangue que te gira nas veias,

se o nome de Sain te quadra bem ainda, dize-me que desde hoje não mais olharás para esse miseravel estudante, para esse ignobil republicano.

— Prometto não mais anal-o, respondeu a inconsiderada joven, sem reflectir no que dizia.

— Muito bem, disse a velha, recebe um abraço de tua mãe extremosa, que mais do que ninguem deseja ver-te feliz.

Abraçou a filha, e safu immediatamente do quarto dizendo a Julia que tinha de ir fazer uma visita, e que antes de á noite precisava de fallar-lhe.

Quando madama Sain fechou a porta da camara de sua filha, esta assentou-se ao pianno e acompanhou com o instrumento uma cantata favorita com tanta presença de espirito e enthusiasmo com que o faria uma cantôra de profissão em dia de beneficio. A promessa que acabava de fazer a sua mãe era uma promessa de pouco momento: — valia para ella o mesmo que prometter acompanhá-la a um passeio aos Campos-Elyseos.

#### IV.

##### CARACTER DE JULIA.

Julia Sain ficou pois sósia, como acabamos de dizer, encerrada no seu gabinete tocando e cantando por algum tempo. Passada uma hora agitou uma pequena campainha de prata e logo depois entrou uma criada ainda nova, que lhe perguntou o que desejava.

— O cãesinho, traze-me o cãesinho.

A criada saiu, e chamou o cão, que veio logo ao primeiro chamamento, movendo a cauda para um e outro lado, e saltando de contente.

Julia apenas o viu, correu para elle

pegou-lhe pela barriga e começou a afagal-o.

— *Pombo*, meu *pombinho* o que fazes tu? disse ella ao animal correndo-lhe a mão pelo serro.

— Ora, minha senhora, respondeu a criada pelo cão, ainda hoje não comeu nada: dei-lhe as sopinhas de leite e apenas as lambeu; o cãosinho anda muito doente.

— Sim?! pois é preciso que trates bem o meu *Pombinho*, acudiu a menina roçando a face por a pelle macia do animal.

— A mãesinha bem viu o dôce de chila que elle comeu ainda agora: foi ella que me mandou dar-lh'o, já que não quiz as sopinhas.

— Bem, muito bem, minha Angelica. Ora váe deitar o cãosinho na minha cama, e volta que temos muito que fallar.

A criada pegou no animal do collo de sua ama, e levou-o para a alcova, proxima ao quarto de Julia, afagando-o e dando-lhe mil nomes ternos.

Angelica era uma rapariga perfeita. Olhos pretos, grandes e bem rasgados, alva a tez do rosto, faces côr de rosa, dentes alvos, labios cramezim, cabello castanho escuro; taes eram os attractivos da criada grave de Julia. Astuta refinada, sabia aproveitar as mil occasiões que se lhe offerciam para dominar completamente a alma da sua joven senhora. Esta, da sua parte não tinha um segredo unico, por maior que fosse, que o não communicasse logo á sua Angelica. E que outra coisa havia de ella fazer? a rapariga fôra creada com ella nos mesmos brinquedos, nos mesmos divertimentos da sua infancia: passára dias e dias inteiros, brincando no jardim com Julia e com madamoiselle de \*\*\*. Filha de uma antiga creada grave da casa, adquirira logo no berço o direito á intimidade de todos

os Sain, e de mais uma rapariga tão bella... postoque obscura de nascimento era bem digna de ser estimada pela gentil madamoiselle Sain.

A linda criada possuia em gráu subido a arte de lisongear as paixões, e como soubesse que a sua joven ama era em extremo afeiçãoada ao luxo e em geral a tudo o que pôde cevar os sentidos, logo que adormeceu o cãosinho veio para o pé de Julia e perguntou-lhe se queria pentear-se.

— É verdade, dizes bem, Angelica. Ainda hoje me não penteei se não uma vez. De mais este vestido é o mesmo de pela manhan. Vae-me buscar o côr de rosa.

E em poucos minutos entrava Angelica já com o vestido que lhe pedira Julia. Puxou uma cadeira para ella se assentar e começou a penteal-a.

— Ora quero pedir te um conselho, minha boa amiga, disse a menina á creada. Eu prometti agora mesmo á mamau de não mais amar Guilherme. Fiz bem ou não?

— Olhe, minha senhora, eu já ha muito que lhe queria dizer os inconvenientes que para V. Exc.<sup>a</sup> resultavam de essa união, porém contive-me com receio de offender o amor proprio de V. Exc.<sup>a</sup>

— Não, respondeu Julia, tu não deves ter rebuço em me dizeres qual é a tua opinião a este respeito, porque eu tenho-te sempre aberto o meu coração.

— Pois minha senhora, eu se estivera na posição de V. Exc.<sup>a</sup> não casava com o senhor Guilherme De Courtin. É... é... não é nobre, disse ella accentuando esta ultima palavra, como para a fazer penetrar bem no coração de Julia.

— Dizes bem, minha Angelica. Eu descendo de altos personagens, e os antepassados d'elle, quem são? Mas

sempre me custa despezal-o. Coitado! Anda tão triste! desde que lhe escrevi a ultima carta, aquella que tu me ouviste lèr, dizem-me que nunca mais teve alegria: eu dizia lhe coisas!...; e o homem cada vez mais louco por mim! Se queres que te diga, Angelica, continuou a joven com vehemencia, erguendo-se da cadeira, eu não posso abandonal-o... até desejava entreter por mais tempo estas nossas relações amorosas... e sabes para que, minha amiga, era só para me vêr livre d'aquelle maldito barão de \*\*\*. Não ha visita, não ha passeio, aonde eu não encontre aquelle *mono*; sempre e em toda a parte me ha de apparecer o maldito espectro!

— O barão de \*\*\*! pois olhe minha senhora, respondeu a matreira criada, é um moço de esperanças: não é bello, mas a sua nobreza e as suas prendas tornam-no um homem estimavel: que luxo em sua casa! trez carrinhos e quatro carruagens lhe conheço eu; passa na rua muitas vezes...

— Pois é para me vêr, acudiu Julia.

— Olhe, minha senhora, eu sei que a mãesinha tenciona ir com elle á Italia, aonde é o forte da sua casa, e parece-me que V. Exc.<sup>a</sup> tambem os acompanhará. Se fôr, ha de dizer-me quando voltar, se me enganei...

— Tomára eu ir á Italia! oh! Angelica, só por isso daria eu a mão de esposa ao barão. Que luxo se não ostenta na patria das artes! que magnificencia nos edificios! que sumptuosidade nos bailes!...

— Pois minha menina, proseguiu a ardilosa, não perca as esperanças de gozar toda essa ventura. Corresponda ás exigencias amorosas do barão, e não lhe digo que despreze Guilherme, porém vá lhe dando de mão. Lá casar com elle isso por modo nenhum.

— Já o prometti á maman, acudiu Julia.

— Por isso mesmo. Consagrar-lhe um pouco de amôr, isso lá tem seu lugar, por divertimento, por distracção...

— Sim, sim, para matar o tempo.

— É verdade, minha senhora. Nós cá, as mulheres, temos a particularidade de podermos consagrar um raiinho de affeição a um homem, e tambem temos o coração para dedical-o a um amante...

— Dizes bem, Angelica, dizes muito bem! acudiu a joven com summa alegria.

— Isto é assim. Pois de outro modo que prazeres se gozariam na juventude? se o que acabo de dizer fôra reprovado pelo bom gosto, não sei que belleza se podia encontrar na aurora da vida.

— Vou já escrever a Guilherme, respondeu a donzella com transporte: já não quero vestir o vestido côr de rosa: traze-me o tinteiro, depressa, antes que chegue a maman. O pobre rapaz endoidecia se eu lhe não tornasse a dirigir as minhas lettras. Quero livral-o do tormento em que vive: váe hoje fulgurar-lhe um raio de esperança; pobre louco!

E em quanto a criada se ausentou para trazer o tinteiro mirava-se Julia a um grande espelho. Contemplava os seus bellos olhos grandes, a alvura do seu rosto, os bellos cabellos loiros, aquelle todo elegante. Ufanava-se de tanta belleza, admirava-se a si mesma. E fazia bem; se ella era tão encantadora!

Assim tivera a alma tão bem formada, como tinha o corpo!

E não se tinham ainda passado quatro minutos já ella estava assentada á sua escrivaninha.

(Continuar-se ha)

J. MARCELLINO-MATTOS.

SE A REUNIÃO DOS HOMENS EM SOCIEDADE  
PRESUPPÕE O SACRIFICIO D'UMA PARTE  
DOS SEUS DIREITOS NATURAES. (\*)

Quasi todos os escriptores, que se tem occupado da sciencia social, concordam neste principio; a saber: que os homens, pelo facto de se reunirem em sociedade, convieram expressa, ou tacitamente, em ceder d'uma parte dos seus direitos naturaes, para melhor se assegurarem o gozo do resto.

Todavia não nos parece muito difficil provar a falsidade d'esta opinião.

Se a reunião dos homens em sociedade presuppõe o sacrificio d'uma parte dos seus direitos naturaes, segue-se logicamente, que a esphera de cada um desses direitos é mais restricta para o homem social do que para o homem selvagem; pois, aliás, não poderia conceber-se o pretendido sacrificio. Assim, os direitos naturaes d'este não poderão ser equiparados aos direitos naturaes d'aquelle. Por onde é de vêr, que a asserção d'aquelles publicistas será verdadeira ou falsa, segundo fôr verdadeira ou falsa a consequencia que d'ella acabamos de deduzir.

Mas nada mais facil do que demonstrar o quanto esta consequencia é absurda.

Com effeito, os direitos naturaes ou absolutos, que, por isso que se deduzem exclusivamente da natureza humana, competem a todos os homens, só por que são homens, reduzem-se aos tres seguintes: o da segurança pessoal, o da liberdade individual, e o da propriedade real.

O direito de segurança pessoal im-

põe a todos os homens a obrigação de não attentarem contra as nossas faculdades physicas ou moraes, nem contra o nosso bem estar pessoal. O direito de liberdade individual consiste na faculdade de praticar todas as acções, que não atacarem os direitos de propriedade e segurança dos outros. Finalmente o direito de propriedade real é o direito, que tem todo o homem, a haver uma propriedade conforme ás suas necessidades, e a dispôr, segundo o seu livro alvedrio, de todas as coisas que julga ter legitimamente adquirido.

Ora, se tantos e taes são os chamados direitos naturaes, é facil de vêr, que a esphera de cada um desses direitos é a mesma, tanto para o homem selvagem, como para o homem social. Aquelle tem direito a exigir o respeito devido ás suas faculdades physicas ou moraes, e ao seu bem-estar pessoal; isto é, tem o direito de segurança pessoal: mas para o homem que vive no estado social não existe menos esse direito. Aquelle tem direito a fazer tudo o que não ataca a segurança e propriedade dos outros; isto é, tem o direito de liberdade individual: mas o homem social tambem o tem. Aquelle, finalmente, tem direito a adquirir uma propriedade conforme ás suas necessidades, e a dispôr a seu bel-prazer de todas as coisas das quaes se julga verdadeiro senhor; isto é, tem o direito de propriedade real: mas o homem que vive em sociedade civil conserva um igual direito.

Logo se os direitos naturaes d'um podem ser equiparados aos direitos naturaes do outro, como é que o homem no estado social sacrifica uma parte desses direitos, que, no estado extra-social, segundo o dizer d'aquelles publicistas, lhe pertenceriam *in totum*?

Mas dirá alguem: quando a lei prescreve que todos os membros da socie-

(\*) Offerecido a redacção.

dade contribuam com uma parte da sua fortuna para as despesas do estado, que arrisquem a sua vida pela salvação da patria, etc., não exige o sacrificio d'uma parte dos sobreditos direitos?

De duas uma: ou esses sacrificios são necessarios ao bem-estar de todos, e então a lei, bem longe d'attentar, como se pretende, contra os direitos naturaes do cidadão, assegura-lhes a existencia por essa mesma cooperação de todos; ou esses sacrificios não são necessarios ao bem-estar de todos, e então a lei é tyrannica. No primeiro caso dá-se uma garantia para o cidadão; no segundo um attentado contra os seus direitos.

Além de que, por ventura aquelle que vive no meio das tribus ou hordas selvagens não se sujeita a iguaes ou ainda maiores sacrificios? Não ha lá a voz d'um chefe que manda, e que manda despoticamente?

Concluamos, pois, que a reunião dos homens em sociedade presuppõe, não o pretendido sacrificio, mas o quererem assegurar-se melhor o gozo dos seus direitos naturaes.

J. F. S. G.

## RECORDAÇÃO FUNEBRE

AOS RESTOS MORTAES

DE

ANTONIO GREGORIO LEITÃO CORREIA,

Estudante do 5.º anno juridico.

*Oculus qui enim viderat, non  
videbit, neque ultra intue-  
bitur enim locus situs.*

JOB Cap. 20, v. 9.

**N**A verdura de tens annos, sem do-  
nem piedade a foice da morte dura cor-

ton-te o vinculo mysterioso que prende ao corpo, a essa magestosa e augusta imagem, o pensamento que concebe a immortalidade de si mesmo. Lá jazes encerrado n'essa colonia das caveiras, jazigo de lúgubre e eterno silencio, aferrolhado dentro das gradarias negras do cemiterio, acompanhado da fria loísa a que serve de guardião o venerando cruzeiro, em que está cravada a imagem sacrosanta do filho de MARIA!

Ahi habitarás esse paiz das trevas até que o archanjo, abrindo as doiradas portas do ceu, faça retumbar no fundo das campas o som medonho da tuba celestial. Então o estrondo dos trovões que hão de estalar de polo a polo despedaçarão o marmore dos matusuléos dos imperadores, o sepulchro embalsamado dos ricos e a cova humilde do pobre. Este vestido com os andrajos da miseria, aquelles com as gallas da opulencia curvarão todos, no campo estreito da egualdade, o joelho ante o justiceiro omnipotente do mundo!

Só então é que eu poderei dar um abraço fraternal em teus restos mortaes, que tantas vezes tenho humedecido com saudoso pranto!

Bem podéras, ó morte prematura, suspender por mais tempo o golpe fatal, com que de uma vez para sempre cortaste aquella idade risonha que apenas tinha desabrochado a flor da juventude.

Lastimosa illusão!! quando tu, joven academico, genio transcendente, que hoje não és mais que uma pouca de cinza dentro de uma urna de terra, esperavas ornar a tua frente com os ultimos louros de Minerva, eis que chega a morte e te aperta as mãos com a palma funebre do cypreste!! O resplendor de teus annos foi escurecido pelas sombras frias do sepulchro.

E a patria que esperava um sabio

jámais tornará a vêr-te. Chorou-te a sciencia porque eras um de seus filhos estimados: — choraram-te as rissonhas vivendas do Helicon porque esperavam que em côro sublime fizesses subir algum personagem ao amphitheatro dos heróes: — chorou-te a mocidade porque te viu roubar, a todo o custo, das suas fileiras, para que a tua vida innocente e ainda tão verde pagasse um tão cruel tributo ao devorismo da terra.

Ahi jazerás, n'essa habitação triste, até que de terra te reduzas ao nada!

Assim como o amante que, vendo cerrar nas entranhas da terra o ente adorado, corre magoado ao seu aposento final, e ahi chora, beija a lagem fria, e para desaffrontar-se escreve na entrecasca do cypreste a legenda da saudade amargurada; assim tambem saiba eu desaffrontar a dôr que me punge com a seguinte legenda = Salve, trez vezes, salve, reliquias infelizes de um talento raro. =

M. J. DE ALMEIDA.

### A PERPETUA E A ROSA.

*Madrigal.*

É linda da perpetua a côr gemada,  
 Diz Marília formosa;  
 Mas mais lindo que a rosa  
 Nos cyprios bosques não se encontra nada.  
 Que côr tão encarnada!  
 Que tão suave cheiro!  
 Com teu fragôr, ó rosa, a ser amante  
 Tu ensinas primeiro.  
 Mas ai! dom tão fatal, quão lisongeiro!  
 Parte do ser perdendo a cada instante,  
 Cahes cedo em terra fria;  
 Tanto te empece a prodiga fragrancia!  
 A perpetua sem cheiro tem constancia;  
 E a rosa liberal é flor de um dia.

### CHRONICA.

Desde o seculo xvi. tem havido nas Antilhas 161 terremotos, nas epochas seguintes: no seculo xvi, 1; no xvii, 9; no xviii, 43; no xix, 108; dos quaes 12 em janeiro, 9 em fevereiro, 11 em março, 11 em abril, 20 em maio, 10 em junho, 7 em julho, 15 em agosto, 17 em setembro, 15 em outubro, 14 em novembro e 10 em dezembro; 32 no inverno, 1 na primavera, 39 no estio, e 41 no outono.

Durante o inverno rigoroso de 1740, construiu-se em Petersbourg com gelo da Newa, que tinha uma grossura de trez pés, um palacio de gelo do comprimento de 25 pés, de largura 16, e de altura 20. Feito o palacio collocaram-se defronte d'elle seis peças tambem de gelo da grossura de 4 polegadas e alguns morteiros de igual calibre. Carregaram-se estas peças como as de metal, com a differença que em vez de trez libras de polvora, metteram-lhes 12 onças, e a explosão foi tão forte que a balla varou uma taboa de duas polegadas que haviam collocado a distancia de 60 passos.

### MAXIMA.

Para gozar a ventura é preciso ter merecido ser feliz.

MADAMA GENLIS.

### ERRATAS.

Em o n.º 4. a pag. 26. col. 2.ª onde se diz — echoaram — leia-se — echoou.

A pag. 30. col. 1.ª onde se diz — é o resultado terrivel do amor violento — leia-se — é o resultado terrivel do amor infeliz.

## CORRESPONDENCIA.

*A redacção agradece a offerta de varios artigos que lhe foram dirigidos, e publica-os-há segundo as datas de cada um delles.*

**O** estado actual das nações, é um estado de guerra mais perigoso ainda que o das sociedades naturaes.

O meio de remediar este inconveniente é a associação universal, assim como a associação civil remediou o das sociedades naturaes.

Antes de procedermos á solução destes dois theoremas é mister saber em primeiro logar o que seja estado de guerra e estado de sociedades naturaes. Como a sociedade civil é um contrato entre governantes e governados e a todo o contrato seja anterior um direito, é forçoso suppôr anterior á sociedade civil, um direito ou direitos fundados na natureza humana; estes são a liberdade, independencia e igualdade, cujo complexo constitue aquillo que se chama estado de direitos naturaes: quando pois uma sociedade goza d'estes direitos em toda a sua plenitude sem responsabilidade perante uma auctoridade investida do direito de julgar os actos exteriores dos individuos, chama-se o estado desta sociedade estado de sociedades naturaes, que serve de ponto de transição para as sociedades civis.

Os homens collocados em semelhante estado, desligados d'um vinculo que unisse as forças individuaes, principal condição do desinvolvimento humano, não poderião aperfeiçoar-se; e desamparados da segurança individual, teriam a sua vida sugeita á mercê das

paixões, e obedecendo os mais fracos á oppressão do mais forte, triumpharia a violencia da innocencia. Este estado pois em que não ha um poder intermedio para resistir á oppressão do mais fraco, chama-se estado de guerra. Os povos porém para se escaparem aos furores das violencias, e ao fogo incendiario das paixões escolheram livremente uma ou muitas pessoas, cuja reunião se chamou associação politica, a fim de obrigar o lesante a indemnizar o lesado. Deste modo conseguiram a transição d'um estado perenne de guerra para um estado provisorio de paz. Dissemos para um estado provisorio de paz, porque com o expediente das associações politicas apenas se remediam por algum tempo os inconvenientes do estado de guerra.

E na verdade quasi todos os dias se está presenceando uma luta incarnizada entre os governantes e os governados, sendo os resultados d'este conflicto ainda mais calamitosos, que os do estado de guerra das sociedades naturaes, porque na contenda entre o povo e os tyrannos movem-se grandes massas, e o choque é mais perigoso e de maior ruina, do que nas sociedades naturaes, porque nestas não se reunindo as massas os choques são parciaes e por isso menos estrondosos.

É esta a razão porque muitos publicistas, aliás de grande nota, teem combatido, e com acrisolado valôr, a existencia das associações politicas, defendendo, que eram menores os inconvenientes da existencia daquellas, do que destas. Certamente, basta abrir a historia de qualq̃uer nação, não se lêem senão chronicas de sangue: os tyrannos cravando as garras de tigre no coração do revolucionario porque péde liberdade lh'o arranca e dependura nas quinas do palacio ou das praças publicas, e assim castigam a ousadia daquel-

les que só pertendem arrancar o cutello de carrasco que o tyranno tinha trocado pelo cajado de pastor dos povos. A nação franceza tem votado nas guerras da liberdade contra a tyrannia o precioso holocausto do sangue de cinco milhões de martyres da liberdade. A Polonia, a infeliz Polonia, que ha pouco acaba de ensaiar uma luta contra a tyrannia, é vencida e lá geme debaixo d'uma affrontosa oppressão sobrevivendo ao horroroso attentado de um pai do povo comprar por dois francos aos feros montanhezes as cabeças de seus filhos! e *non est qui consoletur eam!!*

N'uma palavra, para que os soberanos concedessem nestes ultimos tempos as constituições aos povos foi preciso que muitos fossem affogados em sangue liberal.

Não é preciso carregar uma narração de mais factos historicos para nos convenceremos de que as sociedades civis não remediaram totalmente o estado de guerra que apenas converteram n'um estado provisorio de paz pouco duravel e substituido por um estado de guerra entre governantes e governados, mais cruenta ainda do que a das sociedades naturaes.

Qual é por tanto o meio de obstar á mudança do estado de paz provisoria para o estado de guerra? Será segundo Rousseau o voltar da sociedade civil para as sociedades naturaes? Julgamos que não, porque o remedio não está em passar d'um estado máo para outro máo, mas sim em conseryar aquelle estado provisorio de paz até o tornar permanente.

Logo diremos o modo como se poderá conseguir a permanencia daquella paz provisoria. Passamos a dar uma idéa do estado de guerra entre as nações, o qual ainda é mais perigoso do que o estado de guerra entre os gover-

nantes e governados porque naquelle movem-se massas enormes, e por esta causa o seu choque ha de ser muito mais forte do que o choque das massas dos governantes e governados, porque estas são comparativamente mais pequenas, e não se torna por isso a luta destas tão cruenta como a luta daquellas.

As nações ainda na actualidade se conservam n'um estado de guerra, porque já nós dissemos que estado de guerra era quando o mais forte prevalecia sobre o mais fraco, sem haver um poder intermediario que favoreça este contra aquelle: ora no estado presente das nações não existe um poder organizado que esteja encarregado d'uma tão importante missão, por isso o mais fraco é esmagado pelo mais forte, triunfando a violencia, e não a justiça. E na verdade, que significam as incursões dos barbaros senão um estado de guerra em que o fraco é opprimido pelo forte? Que significam as gloriosas conquistas de Julio Cesar, de Carlos Magno e de Napoleão, se não a oppressão do mais forte sobre o mais fraco? Que significam as invasões dos portuguezes e hespanhoes no novo mundo? o mesmo que as invasões dos barbaros do norte ao sul do velho mundo. Que querem dizer aquellas guerras d'opio que a Inglaterra tem com a China, senão a oppressão do mais fraco pelo mais forte? Finalmente que quer dizer esse chamado direito de conquista, senão que o mais forte subjuga o mais fraco? Dizem alguns que o consentimento tacito posterior torna legitimo o mando dos conquistadores. Mas quando o povo conquistado quer manifestar o consentimento expresso de que não póde soffrer os seus senhores, estes lhe carregam em cima e lhe dizem: calla-te, porque o consentimento tacito é que me fez teu soberano. E a humanidade

a supportar silenciosa todos estes abusos!! Ainda hoje mesmo um pequeno desacato a uma bandeira nacional, se ella é d'uma nação poderosa, é reputado um sacrilegio, uma offensa nunca vista. Desemrolam centenaes de fileiras e vão-se innovellar no territorio da nação que peccou porque se esqueceu de fazer a sua continencia a um pouco de panno com diferentes pintas! Os arbitros que se escolhem para avaliar o damno causado são os milhores artilheiros, os tribunaes que se erigem para decidir a questão intercional, são os canhões de melhor calibre que se montam nas carretas e rodam immediatamente para as frouteiras; os advogados que se nomeam para decidir o grande pleito, são os generaes que melhor sabem manejar a espada.

Feitos todos estes preparos, marcham as valentes columnas sobre a nação que não sabe respeitar as bandeiras; tallam-se-lhe os campos, fazem-se gerações infelizes, inundão-se as villas e as cidades de sangue, e depois os vencedores propõem as condições que muito bem quetem, ou uma possessão ultramarina em indemnisação das despezas da guerra, ou os portos francos para toda a qualidade de commercio. Faz a força uma nação infeliz quando a razão d'um tribunal europeu, apenas condemnaria a nação que desacatou o emblema nacional, a uma pequena satisfação verbal. Não queremos com isto dizer que somos inoclistas: conhecemos que as nações tem as suas imagens a que se deve prestar um certo culto, mas tambem sabemos que não se deve reputar um crime aquillo que apenas se póde considerar um peccado, cujo castigo ficava assás expiado quando uma assembléa ecumenico-politica decidisse = *vade in pace, noli amplius peccare.*

(Continuar-se-ha)

M. J. DE ALMEIDA.

#### COINCIDENCIAS NOTAVEIS.

**D'** Entre as singulares coincidencias, que diariamente se podem colher dos variados factos historicos, d'ellas ha tam singulares, na verdade, que assaz desafiam a nossa curiosidade e fixam a nossa attenção.

E para prova preemptoria do que deixamos dicto citaremos *quatro factos notaveis*, que nos sobministra a historia d'alguns monarchas, cuja infeliz estrella os levára a empunhar o sceptro da *soberba rainha dos mares*: — d'essa orgulhosa patria dos nevoeiros e do carvão de pedra, assentada sobre uns ingratos rochedos do oceano, que a natureza menos formára para mundo, do que para ponto d'apoio da sua alavanca revolucionaria!

Vê-se, com effeito, da historia de Inglaterra, que os seus *quatro monarchas* — *Eduardo II.*, *Ricardo II.*, *Henrique VI.* e *Carlos I.* — todos se haviam desposado com princezas oriundas da França — todos se mostraram monarchas impopulares, na direcção de sua marcha governativa — e todos vieram, por ultimo, a supportar um tragico desfecho da vida! —

*Eduardo II.*, que se havia desposado com *Isabel de França*, filha de *Filippe IV.*, morreu assassinado no *castello de Berkeley*: — *Ricardo II.*, que se havia enlaçado com a filha *Isabel de Carlos VI.*, foi assassinado no *castello de Pontefract*: — *Henrique VI.*, que se havia desposado com a varonil *Margarida de Anjou*, filha do *Duque Renato*, morreu assassinado pelas proprias mãos d'um filho de *Ricardo III.*: — e o infeliz *Carlos I.*, que se havia enlaçado com *Henriqueta de França*, filha de *Henrique VI.*, o Grande, —

do primeiro dos Bourbons, que, pela extincção da linha dos Valois, na pessoa de Henrique III., se fóra assentar no throno da França, — o infeliz Carlos I. — caiu alfim decapitado n'um cadafalso publico!

Vizella — Setembro, 1846.

J. J. DA SILVA PEREIRA.

#### RELIGIONARIOS ZELOSOS.

**N**ão teve, por certo, a *Egreja Catholica* — nação alguma na Europa, que tanto se esmerasse no acrysolado zelo da sua fé socro-sancta, como fóra n'outr'ora a nação ingleza. — Entrára n'ella, com effeito, a *Religião Christãa* cinco annos depois da morte de JESUS-CHRISTO; e n'ella teve a primeira *Egreja Catholica* nos territorios de *Somerset-Shire*. — E o fervoroso zelo, com que a abraçára o seu rei *Lucio*, o primeiro monarcha christão, que se assentára nos thronos politicos do mundo, — esse fervoroso zelo — foi o primeiro annel d'uma exemplar obediencia apostolica, que por quinze seculos mantevera a Inglaterra, até o infeliz reinado de seu monarcha *Henrique VIII.*; o qual depois de zelosamente haver apurado a penna a favor da *Egreja Catholica*, mui obstinadamente desembainhára a sua espada real contra ella, ousando acclamar-se, em seus estados, por cabeça universal da nova *Egreja Anglicana*, — do teimoso *protestantismo*, que elle proprio fundára, pelo obcecado amor d'*Anna Bolena*!!!

D'então para cá — não teem deixado ainda os *protestantes anglicanos* de empregar o mais assiduo cuidado — o mais constante e obstinado zelo — na propagação rapida da sua *nova Religião*. — E entre outros factos numero-

sos, que superfluo seria adduzir n'este logar, bastará recordarmo-nos apenas dos muitos estabelecimentos *typographicos*, por elles sustentados em diferentes pontos do globo, só para a mais facil e mais extensa disseminação dos seus livros religionarios.

Teem elles, com effeito, estabelecido para esse fim — uma boa *typographia* em *Bangkok*, no reino de *Sião*, — outra em *Singapona*, na península de *Malaca*, e — outra em *Macau*, nos extensos mares da *China*; — uma grande fundição de typos na ilha de *Java*, nos mares de *Sunda*, — outra consideravel fundição de typos e uma boa *typographia* no paiz dos *Birmans*, e — outras diversas, n'uma palavra, em — *Bombaim*, — *Madras*, — *ilhas de Sandwich*, — *Africa Meridional*, — *Ooroemialh*, na *Persia*, — *Cabo das Palmas*, *Beirulli*, na *Syria*, — e *Lodiano*, na *India Septemtrional*!

E se de tanto houveramos mister, poderamos citar ainda a *proselytica typographia viva*, que recentemente se acaba de descobrir no *Dr. Kaley*, na nossa ilha da *Madeira*; a qual tam ambicionada tem sido, e tam ambicionada continuará a ser ainda, por essa antiga *Albion*, que — achando-se igualmente delinquente nas revoluções e nas contra-revoluções da *Europa*, ainda, por ventura, terá um dia de ser igualmente responsavel — ante o severo tribunal dos reis e o terrível tribunal dos povos!

Vizella, — Setembro, 1846.

J. J. DA SILVA PEREIRA.

#### PROTESTO.

**L**inda aurora, bello dia  
Já surgíu só para mim

Foi aurora d'esperanças,  
Não devêra de ter fim.

Fulgurou-me n'horisonte  
Da *crença* um pólo amigo,  
Venturoso era o presagio  
De sempre viver contigo . . .

Esse amor que n'inspiraste  
Era elle o meu só norte,  
Dediquei-lhe a vida toda . . .  
Foi talvez a minha morte.

Mas eu arrostto o destino,  
Eu não temo os proprios ceus,  
Que amor, amor puro e bello  
É meu condão, é meu Deus!

Maio — 1846.

J. MARCELLINO-MATTOS.

A UMA FLÔR.

*Mais si quelqu'un te cueille ?  
— Car quel est ton destin ?*

EMILE ADÈT — Od. à un Lis.

Como jazes desbotada,  
Mimosa, engraçada flôr!  
— Hontem *brilhos* : — hoje *apenas*  
Reliquias do teu fulgôr!

Inda ha pouco recendias  
Aromas os mais suaves ;  
— Tuas pétalas continham  
Coloridos os mais graves.

Era ao ver-te, n'haste alçada,  
Prazer tudo e tudo encanto:  
— Nos labios pulava o riso ;  
Seccava-se o proprio pranto.

Dos teus brilhos deslumbrado,  
Quiz roubar-te : — alcei um corte:  
— Tirei-te d'haste mimosa ;  
— Infeliz! — fui dar-te a morte !

Vizella — Setembro, 1846.

J. J. DA SILVA PEREIRA.

A FLÔR SEM CULTO.

*L'univers tout entier réfléchit ton image.*

LAMARTINE — M. P.

MInha rosa gentil, minha flôr,  
Como agora serás no jardim  
Requeimada talvez do calor,  
Que no sêio aguardes por mim!

Não?! quem dêra poder eu voar  
E ir á terra onde estás plantada,  
Escaval-a, ou então te mudar,  
E trazer-te no peito encerrada.

Que os ardentes calôres do estio,  
Nem rajadas de forte aquilão  
S'achegasse imprudente, e sem brio  
A torear-te o mimoso botão.

Prasa a Deus que algum verme não róa  
Teu pé tenro, viçoso, engraçado,  
Que serás melhor flôr das que sóa  
Terem hi n'esse chão vegetado.

—  
 Hasde ter um cultor que sou eu,  
 Que d'aurora ao romper ve; ha ver-te,  
 Estar contigo, não ser senão teu,  
 Sobre a noite velar, defender-te.

—  
 S'eu gozasse a fragrancia qu'exhalas,  
 Onde os males m'opprimem constantes,  
 Minha rosa! bem longe das galas  
 Desfructára felices instantes.

—  
 Percebêra da vida o viver,  
 E nas veias o sangue gyrrar;  
 Porém quasi me sinto morrer  
 Sem ao menos poder-te saudar.

—  
 Mas espero, confio na sorte,  
 Que ha de um dia raiar mais brilhante,  
 Em que cheio d'amor n'um transporte  
 Possa ver-te, beijar-te incessante.

—  
 Adeus, casta, misteriosa planta,  
 Minha rosa gentil, por quem gemo;  
 Fade o ceo o fulgor que m'encanta  
 Gloria sua e do Ente Supremo...  
 Junho 1 — 1846.

A. B. S. DE MENDONÇA.

---

A ROSA DESFOLHADA.

CAndida, formosa flôr,  
 Quem no ledô alvorecer,  
 Da vida sobre o pé tenro,  
 Fez teu viço emmurcheçar?

—  
 Quem, brilhante e'os o'ryalhos  
 Suaves, doces, d'aurora,

Qual de per'las engastada,  
 Te roubou á bella Flora?

—  
 Bambolejavas do zephiro  
 Ao soprar embalsamado!..  
 D'aquillôes ora batida,  
 Como foi cruel teu fado!..

—  
 O teu calix d'innocencia,  
 Quem tam puro o derramou,  
 Pela terra corrompida,  
 Que não tremeu, e pasmou!..

—  
 Por acaso enregelado  
 Ar, soprou te melindrosa!  
 Tam gentil pelo bolicio,  
 Já em tempo tam formosa!

—  
 Ou da sesta no estio,  
 Foi o vento queimador?  
 Que depois d'arejar mortos,  
 Te crestou viço, e frescôr?!

—  
 Que é feito d'esses perfumes  
 Suaves, tam deleitosos?  
 Que é do nacar, e alabastro,  
 Que se casavam formosos!...

—  
 Minha rosa, minha rosa...  
 Quem nunca s'embebecera,  
 Em teus mimos; quem dilicias  
 Seductoras não sorvera!...

—  
 As auras serenas, puras,  
 Como outr'ora não te beijam,  
 Só tufões vertiginosos,  
 Te fulminam, te dardejам!..

—  
 Malfadada... tam mesquinha!  
 Quem nunca te cultivara...

Quem antes á discripção,  
Entre abrolhos te deixára!!..

—

Mysterio occulto da vida...  
Da vida que eu tanto amava...  
Da vida que ora desprezo,  
Na terra porque anhelava!!..

—

Eras suave em botão  
Como a brisa da manhã,  
Tinhas encantos, doçuras,  
Como tem virgem louçãa!..

—

Agora mirrada e sêcca...  
Jaz em terra essa folhagem,  
Onde prenhe de delicias,  
D'innocencia eras imagem.

—

O Eólo furibundo,  
Prostituiu-t'a belleza...  
Desquerida, pobre flôr!...  
Ludibrio da impureza!...

—

Só existe orrido tronco,  
Para desprezo do solo...  
Que o vento á flôr da esp'rança,  
Sacedin; torceu-lhe o collo!...

A. B. S. DE MENDONÇA.



## UMA ROSA A DESFOLHAR-SE.

*Et ton sort avec lui partagerá nos pleurs.*

DELILLE.

**B**ella rosa. quanto era suave a fragancia que tu-exhalavas! quanto era mimosa a côr que te-ornava ha poucos dias!

Quando tu eras ainda em botão vi-

nha eu todos os dias admirar-te; — vinha ver-te desabrochar gradualmente e era-me grato aquelle tempo.

Era a quadra dos meus amores. Eu amava R... e ella tambem me-amava.

Ver-te, minha rosa, era o mesmo que contemplar aquelle anjo do mundo! ella era bella e rubicunda, como tu eras; — pura como tu eras; — casta como tu eras.

Quando eu volvia os olhos para ti — e te-via ao romper da aurora cuberta do orvalho de maio — saía-me do peito uma expressão sentida que me vinha morrer aos labios — *Oh! como tu é o meu amor.*

E o amargo d'esta expressão doce assalta-me o espirito dia e noite, porque já não posso dizer hoje o mesmo...

Eu era o teu guarda firme porque R... impoz-me esse dever; — passava os meus dias a limpar-te a herva agreste que vinha profanar o teu pé, como R... gastava as suas horas de remanso a contemplar-te formosa; eras o espelho fiel em que se retratava a sua candida innocencia.

Desabrochaste alfim, e o duro norte veio desfolhar-te irado — oh! que nem a propria castidade escapa ao sopro impudico da aniquillação!

Quando tu ias amostrar ao mundo o teu seio virginal — eis que chega o destino e grava-te o seu cunho fatal...

E R... que em tudo era tua semelhante, R... tambem succumbiu ao irresistivel poder da sorte...

Caía-te uma folhinha, esvaia-se uma quadra d'illusões, que fascinavam o meu anjo — murchava-te outra e no peito d'aquelle ser divinal tambem morria uma esperança.

Ambas vos-ides finar no viço da idade: tu acabarás para todos sem deixares saudades — porque lá está ainda o tronco fertil que te dera a vida — d'entro em breve serás substituida —

mas R. . . essa rosa dos anjos acabará para sempre e deixará saudades; — tu eras o emblema da castidade, mas ella era a propria virtude.

Julho 10 — 1846.

J. MARCELLINO-MATTOS.

MANEIRA DE FACILITAR A MARCHA DOS CARROS NAS SUBIDAS. (\*)

**M.** *Defrance*, tendo muitas vezes observado o trabalho que experimentam os animaes e quem os conduz, para fazer subir os carros nos caminhos praticados em terrenos montuosos; para remediar este inconveniente imaginou o seguinte meio, que lhe pareceu o melhor e o mais simples.

Observando que os carreteiros muitas vezes não conseguiam fazer subir os seus carros, senão pondo, com risco de se estropiarem, um calço debaixo de uma das rodas, e fazendo puxar os animaes para esse lado, pensou que se acaso se podesse fazer seguir um calço debaixo de cada uma das rodas, á medida que ellas se adiantam, isto daria grande facilidade ao carro para subir, fazendo-se que os animaes puxassem alternativamente, ora para um lado, ora para outro.

N'esta hypothese, assentou que uma vara que acompanhasse as rodas, passando de cada lado para fóra d'ellas, preencheria este objecto; em consequencia fez a experiencia seguinte, a qual lhe deu um perfeito resultado.

Pôz uma vara da grossura de um

(\*) Extraído dos annaes das sciencias, das artes e das letras.

braço, detraz das rodas de um carro; esta vara, que de cada lado saia para fóra 7 ou 8 pollegadas, estava presa com cordas por cada uma das extremidades correspondentes do eixo, de sorte que se apoiava mui levemente sobre as rodas. O carro, puxado alternativamente ora de um lado, ora de outro, por um homem, subiu mui facilmente por um caminho muito enladeiraado, o que não poderia ter feito, se tivesse seguido a direcção do mesmo caminho.

Esta vara, que fóra das subidas pôde ir suspendida debaixo do carro, nas occasiões em que fosse preciso fazer uso d'ella, poderia prender-se ou com cadeias de ferro ou com cordas, ás extremidades do eixo, ou ainda ao mesmo eixo, debaixo do carro, o mais perto possivel de cada roda.

Este aparelho tão simples, seria particularmente util áquelles que, carregando muito os seus carros para os caminhos planos, se acham depois embaraçados nas subidas, o que muitas vezes acontece; e em todo o caso seria essencialmente util ajudar os animaes a tomarem o folego.

A theoria de *M. Defrance*, a qual repousa sobre um principio que não pôde pôr-se em duvida, o dos calços postos debaixo das rodas, é simples, engenhosa, de uma execução tão facil, como de pouca despeza. Como tal o publicou a sociedade de *Encouragement*, convidando o publico a fazer d'este meio repetidas experiencias.

MAXIMA.

Ninguém deseja um bem, em que outrem não pôde tomar parte. A felicidade deixaria de ser felicidade se não houvessem duas pessoas para a gozar.

BYRON.